

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

José Eduardo de Souza Simões

BLOG CENA CURITIBA

REPORTAGENS EM VÍDEO SOBRE O TEATRO CURITIBANO

CURITIBA, 2008

BLOG CENA CURITIBA

REPORTAGENS EM VÍDEO SOBRE O TEATRO CURITIBANO

CURITIBA, 2008

José Eduardo de Souza Simões

BLOG CENA CURITIBA

REPORTAGENS EM VÍDEO SOBRE O TEATRO CURITIBANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social – bacharelado em Jornalismo, da Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profª Elisangela Ribas Godoy

CURITIBA, 2008

*À todos que acreditam que a arte contribui
para a compreensão do que é ser humano.*

AGRADECIMENTOS

Especiais agradecimentos à minha família, pelos subsídios (i)materiais necessários para a concretização desse projeto pessoal. Aos amigos que contribuíram com boas energias, dicas, incentivos e/ou disponibilizaram tempo para ajudar efetivamente no trabalho. À minha professora orientadora, Elisangela Godoy, agradeço pelo encaminhamento do projeto e compreensão das alterações feitas durante o percurso e aos integrantes da Cia. Senhas de Teatro pelo aceite ao convite de participar da primeira edição do blog Cena Curitiba.

RESUMO

Este trabalho sugere um novo caminho para a compreensão do jornalismo cultural curitibano. Inicia com uma breve passagem pela história do teatro mundial, assim como a do teatro brasileiro e paranaense para se chegar no jornalismo cultural feito em Curitiba. Segue-se por reflexões acerca da ausência de abordagens específicas sobre as artes cênicas na capital paranaense. Orientando-se sob essa perspectiva, algumas conjecturas sobre os aspectos da comunicação, tais como teorias do jornalismo e do seu método segmentado são utilizadas para melhor compreender o trabalho. Argumenta-se também que um veículo que contempla reportagens sobre teatro ajuda a construir e solidificar o cenário cultural da cidade. Essas questões podem levar a inúmeras possibilidades de reflexão sobre o jornalismo voltado para cultura praticado na cidade. Por isso a conclusão do presente estudo é a produção de um blog com reportagens e entrevistas em vídeo e variadas abordagens sobre o meio artístico de Curitiba.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	11
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO TEATRO.....	11
2.1.1 Grécia Clássica: tragédia e comédia.....	12
2.1.2 O Renascimento.....	14
2.1.3 O Classicismo francês.....	15
2.1.4 O teatro e a modernidade.....	17
2.1.5 No Brasil.....	18
2.1.6 No Paraná.....	20
2.1.7 Festival de Curitiba.....	22
2.2 PRINCIPAIS VEÍCULOS NA COBERTURA DAS ARTES CÊNICAS.....	23
2.2.1 Gazeta do Povo.....	23
2.2.2 Jornale.....	25
2.2.3 Folha Online.....	26
2.2.4 Blog Cacilda e Revista Bacante Online.....	26
2.2.5 Aplauso Brasil (IG) e Estadão.....	28
2.2.6 No Quintal.....	28
3. OBJETIVOS.....	30
3.1 OBJETIVO GERAL.....	30
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	30
4. JUSTIFICATIVA.....	31
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	34
5.1 O JORNALISMO NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE.....	35
5.2 A CRÍTICA.....	42
5.3 JORNALISMO CULTURAL.....	44
5.3.1 Jornalismo cultural no Brasil.....	46
5.3.2 Jornalismo cultural hoje.....	47
5.4 O SURGIMENTO DOS BLOGS E A RELAÇÃO COM O JORNALISMO....	50
5.4.1 A interatividade no jornalismo.....	53
6. MÉTODOS E TÉCNICAS.....	56
7. DELINEAMENTO DO PRODUTO.....	60
7.1 PÚBLICO-ALVO.....	60
7.2 PERIODICIDADE.....	60
7.3 FORMATO.....	61
7.4 CONCORRÊNCIA.....	61
7.5 PLANEJAMENTO EDITORIAL.....	62
7.6 LINGUAGEM E ESTILO DE REPORTAGENS.....	63
7.7 VIABILIDADE ECONÔMICA.....	63
7.7.1 Recursos Humanos.....	64
7.7.2 Recursos Materiais.....	64
8. CONCLUSÃO.....	66
9. REFERÊNCIAS.....	67
10. ANEXOS.....	69

1. INTRODUÇÃO

“A crítica pode ser considerada um prolongamento, ou um tentáculo com o qual a arte tenta agarrar-se à sociedade” (BARTHES, 1964).

Roland Barthes¹ concentra nesta frase a principal função da crítica de arte para a sociedade e, por conseguinte, para os artistas. Tornar-se um meio de contextualizar e inserir a obra artística no cotidiano social é um dos papéis mais importantes que a crítica exerce. Barthes completa dizendo que a crítica é “uma atividade não totalmente contrária ou dessemelhante daquelas a que a sociedade dá crédito como produtoras de valores necessários, tais como a ciência, a literatura, a política” (BARTHES *apud* JUSTINO, 2005, p. 13).

O presente projeto de conclusão de curso é um complemento, junto ao produto que o mesmo propõe. Criar um blog que retrate a cena artística curitibana com reportagens em vídeo, entrevistas e interatividade com o público para, com isso, induzir ao pensamento crítico da obra de arte em questão. Esta é a alternativa encontrada neste trabalho para tentar suprir, de forma imediata, a carência de um debate estético entre os artistas e a sociedade curitibana. A crítica se faz necessária na medida em que reflete a cena cultural regional e, conseqüentemente, alarga as possibilidades de reconhecimento de uma identidade cultural. Neste projeto o que se pretende não é colocar a crítica em primeiro plano, mas oferecer ferramentas suficientes para que cada um tenha sua própria avaliação crítica do objeto analisado.

¹ Roland Barthes foi um escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês que viveu entre 1915 e 1980.

Com cerca de 3.400.000 habitantes, Curitiba é apontada nas estimativas do IBGE de 2007 como a sétima maior cidade do Brasil e a maior em toda a região sul do país. Possui também diversos grupos teatrais e um dos maiores festivais artísticos do Brasil, o Festival de Curitiba. A capital conta também com a Faculdade de Artes do Paraná, onde são desenvolvidos estudos acadêmicos na área de artes cênicas, entre outras. Esses tópicos serão abordados de forma mais ampla no item “justificativa”, mas fazem-se relevantes logo na introdução para ilustrar a cena artística atual da cidade e contrastá-la à carência de veículos focados nessa abordagem cultural, fato que impulsionou a realização deste trabalho.

Em um levantamento realizado nos sites voltados à divulgação dos eventos culturais de Curitiba, foi possível perceber um atrelamento deste conteúdo à características factuais, tais como local, data, hora e sinopse. É o que se chama de “serviço”, no jargão jornalístico. O que há, além disso, são resenhas de peças selecionadas a partir dos critérios de cada veículo. Contudo, sem qualquer cunho crítico que gere uma discussão artística da obra de arte no contexto social no qual ela está inserida. O blog com reportagens da produção curitibana vem ser uma alternativa à esse problema. Fazer jornalismo na área de cultura é uma das possibilidades mais fascinantes da profissão (PIZA, 2003). O autor exemplifica bem nesta frase o porquê de se trabalhar com jornalismo cultural. A especialização dentro do jornalismo tornou-se sinônimo de necessidade. Mais do que nunca, é preciso ter o embasamento necessário para discutir, promover reflexão e a principal característica do jornalismo: a imparcialidade sobre os aspectos da realidade em que se vive.

Para abordar os aspectos que embasam cientificamente o tema proposto, inicialmente foi desenvolvido um panorama sobre a história do teatro, assim como a sua

ligação com a comunicação, pois fazer jornalismo especializado requer especialização sobre o assunto. Por isso, considerou-se importante tratar da história e de questões relacionadas ao teatro antes de tratar do jornalismo cultural em si. Ainda na delimitação do tema, um contexto atual da Internet é abordado, assim como o seu surgimento e estatísticas contemporâneas, a fim de se compreender a abrangência desse meio de comunicação.

A Teoria do Jornalismo abordada vem solidificar a relação entre o trabalho proposto e a comunicação, optando-se por trabalhar com a Teoria Construcionista, a partir das observações de Nelson Traquina, em *Teorias do Jornalismo I*. De acordo com esta teoria, o jornalista tem um papel fundamental na construção da realidade, de forma a não transmiti-la somente como um reflexo, mas, através do seu trabalho, construir uma realidade melhor.

Ainda na Fundamentação Teórica, trabalha-se com o tema de estudo aqui apresentado: jornalismo cultural. Este tópico aborda a origem da especialização em jornalismo cultural, assim como sua história no mundo, no Brasil e em Curitiba. Trata também da forma como ele é praticado na atualidade. *Jornalismo Cultural*, de Daniel Piza, é o referencial bibliográfico que reflete a forma como o jornalismo cultural é tratado e os seus problemas. Além disso, outro teórico adotado foi Umberto Eco, que foi fundamental na conceituação de cultura de massa.

No que diz respeito à segmentação um tópico sobre jornalismo segmentado busca esclarecer sua importância neste trabalho e de que forma ele norteia o que se pretende realizar. Fechando a fundamentação teórica, há uma discussão sobre a crítica e o papel do crítico nos dias atuais.

2. DELIMITAÇÃO DO TEMA

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO TEATRO

No decorrer dos tempos é possível perceber que a arte está impregnada tanto histórica como misticamente na sociedade. Utilizada de diversas formas, a magia do teatro acompanha a evolução humana desde os seus primórdios. “O teatro é tão velho quanto a humanidade. A transformação numa outra pessoa é uma das formas arquetípicas da expressão humana. O raio de ação do teatro, portanto, inclui a pantomima de caça dos povos da idade do gelo e as categorias dramáticas diferenciadas dos tempos modernos” (BERTHOLD, 2001, p. 1). A maneira de representar passa por diversas questões, sejam elas religiosas, profanas ou intelectuais, mas antes de discuti-las é preciso entender a sua origem.

Para definir o ‘teatro’, é necessário reportar-se às origens da palavra. Teatro significa tanto um gênero de arte como também a casa ou edifício que é usado para as apresentações. Tem origem na palavra grega *theatron*, derivada do verbo ‘ver’, no sentido de panorama. O teatro, como principal fenômeno social, está subordinado às leis e dialética históricas. Assim não se pode ‘entender’ o teatro em sentido absoluto, com leis permanentes, mas diversos teatros, muito diferentes de diversas épocas e nações (SIBRAC, 1991, p. 2508).

Ao contrário do que se imagina, o teatro não nasceu na Grécia e sim no Egito. “A história do Egito e do Antigo Oriente Próximo proporciona o registro dos povos que, nos três milênios anteriores a Cristo, lançaram as bases da civilização ocidental [...]. Nesta criativa época da humanidade, o Egito instituiu as artes plásticas, a Mesopotâmia, a ciência e Israel, uma religião mundial” (BERTHOLD, 2001, p. 7). As mais antigas e diversas formas de representação artística começam a se manifestar neste período por todo o Oriente.

O teatro sempre buscou transmitir uma mensagem além daquela encenada nos palcos. De acordo com VIEIRA (1996, p. 108), examinando o fenômeno por um ponto de vista estritamente antropológico, o teatro não é mais do que isto: a representação do mundo. Dessa forma, arte e humanidade nunca estiveram separadas, mas caminhando paralelamente.

Desde sempre em nossa história precisamos imitar para compreender. Desde sempre o teatro teve uma função de destaque em nossas relações, pois ele é, por excelência, o lugar onde ensaiamos as possibilidades dos erros e dos acertos. A pergunta fundamental que o teatro lança desde a Antigüidade clássica é um teorema até hoje não esclarecido, e ele discorre sobre a natureza humana e sobre as relações que estabelecemos com o meio (Idem, 1996, p. 108).

Interrogar-se sobre a noção do teatro nos dias de hoje implica necessariamente voltar ao princípio, retornar à antigüidade para que se possa medir a herança e a unidade de uma linguagem fragmentada pela modernidade. Implica, portanto, buscar o passado, e, de maneira breve, relembrar os fundamentos do teatro ocidental e suas contribuições, assim como sua relação com a comunicação, passando pelo teatro na Grécia Clássica, com o surgimento da tragédia e comédia, pelo teatro no Renascimento Europeu e pelo Classicismo, na França Absolutista. É importante salientar que, aqui, dado o caráter limitado aos objetivos de um relatório monográfico, pretende-se apenas pincelar de forma a construir uma noção geral do tema alguns dos aspectos históricos mais importantes do teatro.

2.1.1 Grécia Clássica: tragédia e comédia

O teatro é uma obra de arte social e comunal; nunca isso foi mais verdadeiro do que na Grécia Antiga. Em nenhum outro lugar, portanto, pode alcançar tanta importância como na Grécia. Segundo BERTHOLD (2001), a multidão reunida no *theatron* não era meramente espectadora, mas participante, no sentido mais literal.

O público participava ativamente do ritual teatral, religioso, inseria-se na esfera dos deuses e compartilhava das grandes conexões mitológicas. Do mundo conceptual religioso comum e da célebre herança dos heróis homéricos surgiram os Jogos Olímpicos, Ístmicos e Nemeanos, assim como as celebrações cultuais do santuário de Apolo de Delfos – todos eventos que preservavam uma solidariedade que sobrepunha as facções políticas (Idem, p. 104).

O aspecto mais fascinante do teatro nas mais variadas épocas da história da humanidade é a sua ligação com a comunicação. Trata-se do indivíduo comunicando para tornar comuns elementos pertinentes a uma sociedade, participar como ser ativo e integrante da vida em comunidade, transmitindo e adquirindo conhecimento para si e para outrem. Esses são fatores intrínsecos tanto da relação teatro e comunicação quanto das origens do gênero da tragédia. Duas correntes se combinaram, dando à luz a tragédia; uma delas provém do legendário menestrel da antigüidade remota, a outra dos ritos de fertilidade dos sátiros dançantes.

As características da tragédia grega eram a linguagem elevada, a luta dos seres humanos contra a fatalidade, ou destinos adversos, a virtude e a nobreza dos sentimentos, o estoicismo em face da morte, do luto, dos sacrifícios de vidas. A finalidade da tragédia era emocionar, comover, provocar lágrimas, fazer com que o espectador se identificasse com o herói, ou protagonista (Idem, p. 104).

Já existiam algumas peças de caráter satírico, de autores trágicos, quando surgiu na Grécia o poeta cômico Aristófanes, considerado o pai da comédia clássica.

Enquanto a tragédia exaltava as virtudes e os sentimentos nobres, a comédia satirizava os excessos, a dissipação, a falsidade, o embuste, os sentimentos mesquinhos. E, sendo o avesso da tragédia, não pretendia comover, mas fazer rir. Não foi outra coisa que Aristófanes pretendeu e conseguiu. Escrevendo com grande liberdade e fantasia, sua atividade de comediógrafo foi importantíssima, contribuindo notavelmente para a popularização do teatro e levando os gregos a identificar seus próprios defeitos e a rir deles.

De acordo com BERTHOLD (2001), a comédia sempre foi uma forma de arte intelectual e formal independente. Deixando de lado as peças satíricas, nenhum dos poetas trágicos da Grécia aventurou-se na comédia, como nenhum dos poetas cômicos escreveu uma tragédia.

2.1.2 O Renascimento

O teatro, assim como o tempo, passa por períodos históricos que o destacam para a humanidade de forma bastante significativa. As influências gregas, de certa forma, foram as mais importantes para o contexto das artes cênicas, pois serviram de referência para o teatro romano, passando por Bizâncio, seguindo pela Alta e Baixa Idade Média, até chegar ao teatro humanista ou também conhecido como renascentista.

O Renascimento, como é chamada a época que se seguiu às grandes navegações, aos descobrimentos de novas terras, à invenção da imprensa e divulgação das grandes obras da antigüidade traduzidas para os idiomas europeus, trouxe para o teatro um florescimento extraordinário, assim como para a pintura, arquitetura e escultura. As universidades, que eram poucas na Idade Média, se multiplicaram. As

duas molas propulsoras da Renascença foram a liberação do individualismo e o despertar da personalidade. Uma revolução cultural começara a se desencadear no mundo nessa época.

A Renascença tornou-se a grande era da descoberta nos campos do intelecto e da geografia. Os navegadores exploraram novos continentes e mares desta terra, à qual, no mesmo momento, Copérnico negava sua posição central no universo, atribuindo-lhe a categoria de um astro entre outros. Pela primeira vez, a Cristandade viu-se confrontada com a Antigüidade em largo plano (BERTHOLD, 2001, p. 269).

O percurso da história da humanidade se equipara com os rumos tomados pelo Renascimento. Pois foi nesse movimento cultural e artístico europeu que, entre os séculos XIV e XVI, buscou-se resgatar os valores da civilização greco-romana e exaltar as potencialidades realizadoras do homem. Foi um movimento amplo, que acabou atingindo também o campo econômico, social, político e religioso.

2.1.3 O Classicismo francês

Bem diversa era a situação do teatro na França do século XVII, onde passou a ser a diversão preferida da corte e da alta aristocracia. Os reis e príncipes protegiam autores e artistas. Isso propiciou o aparecimento de grandes figuras, que deram notável impulso à dramaturgia e à arte teatral francesa.

VIEIRA (1996) diz que a primeira tradução latina de “A Poética” de Aristóteles foi impressa somente no fim do século XV, mas a partir daquele momento sua influência passou a ser decisiva no teatro do Ocidente, pois ali estavam escritos os conceitos que fundamentariam os clássicos franceses. O terror e a piedade, por exemplo, dois elementos principais para a construção do sentimento trágico, podiam tanto nascer do

espetáculo quanto dos arranjos dos fatos (dramaturgicamente falando), sendo este método o mais aconselhável, segundo Aristóteles, pois demonstrava uma qualidade melhor do poeta.

A “*Poética*” foi extremamente difundida na região. O Cardeal Armand Jean Du Plessis, Duque de Richelieu, que governou a França como o principal ministro de Luís XIII, jovem rei por ele completamente dominado, era um entusiasta das letras e do teatro. Obstinado a estudar mais a fundo essas leis de Aristóteles, Richelieu resolveu formar um grupo, denominado de “O Grupo dos Cinco Autores”, para verificar de perto essas determinações do estudioso grego. Isso significa dizer que todas as regras e unidades de tempo e espaço, estabelecidas por ele, também tiveram um grande conhecimento pelos estudiosos de teatro na época.

Não fora essa uma regra aceita com facilidade, mesmo entre os franceses que a adotaram em seguida. Em seu prefácio à tragicomédia de Jean de Schelandre, Try et Sidon, em 1628, François Ogier, considerando acertadamente que os gregos haviam trabalhado pela Grécia, a melhor maneira de imitá-los seria não copiar as regras preconizadas na *Poética*, mas que os franceses criassem algo semelhante ao espírito da França e ao gosto de sua língua (Idem, p. 112).

O classicismo francês adotou inteiramente as regras das unidades como princípio estético para o discurso teatral, inclusive esquecendo que Aristóteles, na verdade, jamais havia preconizado alguma regra para o texto que não fosse a unidade de ação.

A Igreja ainda se fazia presente neste período do final da baixa idade média através do decoro. Nada poderia acontecer em cena que chocasse o público, agredindo o espectador e a fé católica. Os teóricos franceses da época exercem um controle violento sobre a produção artística. Neste período, não se misturam tragédia e comédia,

pois a tragédia era considerada superior e fazia da figura do herói uma coisa mácula, reforçando os valores da nobreza. Por isso os personagens heróicos eram representados na figura dos nobres.

2.1.4 O teatro e a modernidade

Um dos elementos mais característicos do teatro na modernidade é a sua relação com os meios de comunicação. Na era globalizada, onde a tecnologia invade os lares alienando as pessoas do mundo à sua volta, o teatro tenta sobreviver à indústria cultural para cumprir o seu papel social, que é, além de entreter, educar. Todos os períodos históricos, ao chegarem no seu auge, passaram por crises que exterminaram civilizações. No teatro não é diferente. Quando se pensa que chegou ao ápice da dramaturgia ou da encenação, percebe-se que o que se está fazendo é apenas repetir o repetido. Reinventando a roda.

O século XX não está sozinho ao perguntar se o teatro está em crise. Já Sêneca, em Roma, e Lessing, em Hamburgo, questionaram o sentido e a forma do teatro de sua época. Mas é especialmente alarmante o diagnóstico pessimista que desde os anos 50 vem sendo apresentado com crescente freqüência sob os quais diversos aspectos na esfera do público, em congressos de teatro, pelos responsáveis por subvenções teatrais, por clubes de freqüentadores de teatro, por críticos e dramaturgos. Arthur Miller declarou a certa altura que “o nosso teatro, medido pelos padrões vigentes, alcançou aparentemente um insolúvel fundo do poço”. E no caso não importa saber se ele se referiu apenas às condições americanas ou à situação geral (BERTHOLD, 2001, p. 521).

Para a atriz e professora Valéria Maria de Oliveira², uma boa parcela do teatro atual não revela mais as questões de ordem social. O teatro hoje está envolto por uma camada de anestésicos que falam do homem e seus conflitos interiores.

Hoje, numa sociedade onde o artista passa pela dificuldade de fazer o espetáculo, pois a própria sociedade já se transformou em algo espetacular, fica cada vez mais difícil fazer teatro de uma forma que este tenha o peso de uma responsabilidade com a transformação social, uma vez que o próprio teatrista se vê na dificuldade de uma compreensão mais ampla da sociedade na qual está inserido (OLIVEIRA, 2003).

A revolução industrial e o advento dos meios de comunicação de massa fizeram com que o teatro despontasse com maior velocidade para o mundo. Tais elementos foram responsáveis pela inauguração de uma era de produção e difusão de bens culturais numa amplitude nunca vista.

O teatro de hoje é tão secularizado em suas possibilidades formais e tão uniforme em suas tendências, que a agulha do barômetro assinala em Nova York ou Londres, Paris ou Berlim iguais níveis de alta ou baixa. Hoje o teatro do mundo é verdadeiramente um teatro mundial. Graças aos meios de comunicação de massa, ao rádio, ao cinema e à televisão, ele tem uma platéia quase ilimitada. No limiar da era atômica, apresenta-se como um fenômeno internacional. É um sismógrafo do estado político e intelectual da humanidade num momento da história que, à custa de desastres devastadores, nos oferece nada mais do que uma paz parcial ilusória entre novos focos de crise (BERTHOLD, 2001, p. 521).

2.1.5 No Brasil

É necessário compreender de que forma essa arte de representação, passada de geração em geração, chega até o ser humano. Quais sensações, ou melhor, emoções nele desperta. O teatro utilizado como forma de expressão, como instrumento

² Atriz e Professora – Universidade do Vale do Itajaí/UNIVALI. Graduada em Artes Cênicas – Especialista em Ensino da Arte: Fundamentos Estéticos e Metodológicos – Mestranda em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC.

de guerra ou como um processo educacional. As inúmeras maneiras que essa arte é utilizada refletem em nossa cultura desde sua colonização. De acordo com SIBRAC (1991) historicamente, o teatro no Brasil começou muito cedo, bem próximo à descoberta do país. Ocorreu no século XVI, através do trabalho de catequese do padre José de Anchieta, que se utilizava de textos e dramatizações na instrução de colonos e índios. O período colonial não oferece muito em matéria de informações sobre o teatro brasileiro.

Contudo, em 1838, a comédia brasileira nascia das mãos de Martins Pena, verdadeiro criador da comédia de costumes em nosso país. Aliando-se ao sentido nacionalista do teatro, já que as peças aqui representadas tinham sempre sabor europeu, Gonçalves de Magalhães sugeriu, embora timidamente, o instinto de brasilidade entre os cultores da arte dramática (SIBRAC, 1991, p. 2511 -2512).

A construção de uma identidade cultural no Brasil levou um tempo, pois todas referências às quais o país se reportava eram européias; sendo assim, o teatro não poderia ser diferente. As influências de Portugal eram perceptíveis dentro das manifestações artísticas do período colonial, como em celebrações para a Corte e datas comemorativas do calendário português. “A independência precedeu de alguns anos a descoberta da escola romântica, e as implicações populares e nacionais do movimento tiveram influxo decisivo na tomada de consciência do nosso palco. Costuma-se mesmo datar do Romantismo o aparecimento do teatro brasileiro...” (MAGALDI, 1996, p. 9).

O teatro no Brasil, hoje, retrata a realidade de sua evolução. Comparado aos mais técnicos de todo o mundo, destaca-se pelo cuidado com que seus autores, produtores, diretores e artistas em geral trabalham. Mas tal progresso só foi possível

graças à contribuição de um conjunto de fatos históricos que resultaram em um teatro nacional de qualidade.

Além do período colonial e imperial, a história do teatro no Brasil tem como marcos fundamentais a relação com a Semana de Arte Moderna de 1922; o grupo Os Comediantes, no Rio de Janeiro, em 1943; o Teatro do Estudante do Brasil (TEB), em 1948, também na capital carioca; o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), em 1949, em São Paulo; o Arena e o Oficina também na capital paulista, em 1960 e 1970, entre outros.

2.1.6 No Paraná

Também no Paraná o teatro manteve uma relação entre desenvolvimento e cultura. Assim como no Brasil, o teatro realizado no Estado traz, de forma bastante significativa, contribuições que ajudam a manter o registro dos acontecimentos passados, incorporando à atualidade teatral informações e aprendizados que ajudam a entender o teatro brasileiro e compreender a história das produções locais.

O surgimento do teatro no Paraná também se remete ao período colonial do país. De acordo com SANTOS FILHO (1979), foi somente com a vinda de D. João VI ao Brasil, em 1808, que a população de Paranaguá teve oportunidade, pela primeira vez, de assistir algumas peças de teatro, sendo encenadas em local apropriado para isso. Ainda, de acordo com o autor, em Morretes aconteceu o mesmo, conforme se tem notícia. O teatro paranaense deu seus primeiros passos naquela região.

A história do teatro do Paraná tem início na vila de Paranaguá, em épocas que remontam o início do século XIX. A existência de um porto, garantia ao local, não só o crescente desenvolvimento das atividades comerciais, como também a contínua troca de informações, entre seus moradores e

os de diferentes regiões do país. Em conseqüência, o meio social constantemente se alimentava com novidades de outros locais e os movimentos culturais nasciam e cresciam, tendo contato com o resto do país (SANTOS FILHO, 1979, p. 11).

A cidade portuária foi o ponto de partida para que o teatro começasse a se desenvolver no estado de forma efetiva. “Já em 1829, há em Paranaguá uma via pública chamada Beco do Teatro. Presume-se que ali tenha existido um teatro ou um local onde eram realizadas representações teatrais. Mas também pode ter recebido este nome devido às representações de peças ao ar livre” (CABRAL, 2001, p. 26).

SANTOS FILHO (1979, p.12) defende que as expressões máximas do teatro paranaense souberam imprimir à posteridade, todas as formas sensíveis de arte, com o mesmo espiritualismo dos mestres mundiais, para entregá-las ao tempo, e, ainda, marcar suas presenças na história do teatro e da cultura do Paraná.

A época de ouro do teatro no Paraná remete-se aos anos 50 com o ressurgimento do Teatro Guaíra, este veio dar novo alento aos grupos teatrais da cidade, que viram na inauguração de um espaço oficial a possibilidade de realização de um trabalho de maior consistência. Naquele período, a cobertura cultural, pelos veículos de comunicação, se dava de uma forma muito intensa, o que caracterizou definitivamente o lugar do teatro paranaense no cenário nacional.

Auxiliados pelos críticos teatrais da época, que noticiavam em suas colunas diárias detalhes sobre as montagens, entrevistas com atores e diretores e dados gerais sobre o texto que estava sendo apresentado, os elencos foram aos poucos obtendo a simpatia do público curitibano que se tornou assíduo freqüentador dos espetáculos realizados pelos grupos locais (TEIXEIRA, 2001, p. 7 - 8).

Atualmente estão registrados no Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado do Paraná (SATIED) mais de quatro mil profissionais, entre atores, atrizes e diretores de produção. Em análise realizada no “Anuário do Teatro Curitibano” dos últimos quatro anos (2007, 2006, 2005, 2004) a média de espetáculos profissionais realizados na capital é de 95 peças por ano. Isso totaliza uma média de aproximadamente oito espetáculos por mês. Essa estatística mostra que em média são estreados a cada semana dois novos espetáculos produzidos em Curitiba.

2.1.7 Festival de Curitiba

O Festival de Curitiba é um evento que reúne artistas das artes cênicas e teve sua primeira edição no ano de 1992 na cidade de Curitiba. O evento é considerado um dos maiores do Brasil e o maior da capital paranaense. Na edição daquele ano, o evento trouxe à capital grandes nomes do teatro brasileiro como Antunes Filho, José Celso Martinez Correia e Gabriel Vilella. Em 2008, foram mais de 280 espetáculos que fizeram mais de 1000 apresentações. A 17ª edição trouxe novamente Gabriel Vilella e contou também com Gerald Thomas, importante diretor da cena artística mundial.

Até o ano de 2007, era chamado de “Festival de Teatro de Curitiba”. O nome só foi ser alterado na 17ª edição, passando a ser chamado de “Festival de Curitiba”. Isso se deu devido à uma alteração da imagem do evento. O festival, que antes era denominado como “de teatro”, agora passa a abrigar diversas manifestações artísticas, como artes plásticas, performances, instalações, palestras, e demais eventos paralelos.

Segundo o site do Festival³, ao longo dos 17 anos de existência, foram apresentados cerca de 1600 espetáculos para um público estimado em 1,2 milhão de pessoas.

O Festival tem como característica convidar jornalistas dos principais veículos do Brasil para fazerem a cobertura do evento. Além disso, durante a programação do evento – que costuma ser realizado em meados de março - diversos veículos de Curitiba proporcionam uma cobertura diferenciada das peças, em relação ao que fazem cotidianamente. A seguir serão analisados os principais veículos de comunicação do Brasil em relação à cobertura das artes cênicas. As análises forem realizadas a partir da cobertura do Festival de Curitiba 2008 e de uma abordagem dos veículos durante todo o primeiro semestre do mesmo ano. É bom ressaltar que os veículos abaixo analisados não correspondem à totalidade de blogs ou páginas virtuais que contêm críticas teatrais e, sim, aos principais espaços vinculados aos veículos impressos que possuem versões digitais, tais como a Gazeta do Povo, Estadão e Folha de São Paulo. Este direcionamento justifica-se na aproximação com a proposta aqui presente, de anexar o blog à um jornal online. Ao final, também será analisado o site No Quintal, que não tem qualquer relação com algum veículo impresso mas que se trata de um espaço à críticas teatrais em Curitiba.

2.2 PRINCIPAIS VEÍCULOS NA COBERTURA DAS ARTES CÊNICAS

2.2.1 Gazeta do Povo

A Gazeta do Povo é um jornal que possui um site de notícias produzido no Paraná. Nele, as matérias realizadas para o jornal ganham veiculação, e vice-versa. Durante todo o ano, são realizadas resenhas e serviços para os espetáculos, como

³ Site da Internet, endereço www.festivaldecuitiba.com.br, acessado em 21 de março de 2008.

datas, horários e sinopses. Neste item será feita uma análise do blog criado pela Gazeta em virtude do Festival de Curitiba. O veículo só ficou no ar durante a programação do evento e, como foi alvo de polêmicas – inclusive sobre o próprio conceito de crítica -, cabe aqui uma análise sobre o mesmo.

No blog os jornalistas da redação (não apenas os do Caderno G) podiam postar comentários, reportagens, artigos e até mesmo palpites sobre o que viram no Festival. No topo do blog, o veículo descreveu o objetivo daquele espaço de discussão:

Este é um espaço público de debate de idéias. A Rede Paranaense de Comunicação (RPC) não se responsabiliza pelos artigos e comentários aqui colocados pelos autores e usuários do blog. O conteúdo das mensagens é de única e exclusiva responsabilidade de seus respectivos autores.⁴

A partir dessa afirmação, há um distanciamento do veículo em relação ao seu profissional, uma vez que a corporação não se responsabiliza pelos comentários ali postados. Nesse sentido, a credibilidade que a empresa tem, no caso a Gazeta do Povo, não está a serviço de seus jornalistas.

Como consequência disso, os leitores têm maior liberdade para expressarem sua opinião (contrária ou não) em relação à que o jornalista postou. Um exemplo desse aspecto pode ser encontrado no post "*Jesus Vem de Hannover não explica a que veio*", onde a jornalista Helena Carnieri comenta suas impressões pessoais sobre o espetáculo apresentado na programação do Festival. A jornalista se utiliza expressões cotidianas e simplistas para exemplificar sua leitura do espetáculo.

O *post* é aberto com a frase: "Fato inédito, uma peça conseguiu me dar vontade de sair do teatro". E se segue com termos coloquiais, sem qualquer embasamento no contexto histórico teatral em que o espetáculo está inserido, característica inerente à crítica. "Recebi uma junção de sketches bem parecidas com as que eu mesma encenava no Colégio Medianeira aos 15 anos", afirma ela. Nesse caso, percebe-se um atrelamento do comentário ao senso comum, no sentido que a jornalista põe a peça como fato que todos podem fazer.

A partir desse texto, leitores postaram comentários ora indignados, ora de concordância com a postura de Carnieri. O que se observa, é que a característica que a crítica tem, de causar reflexão sobre uma obra, é substituída por um comentário pessoal e unilateral. Como consequência disso, essa foi a postagem que mais recebeu comentários no blog, ao todo 40. Entre os comentários havia os que concordavam ou não com a opinião da jornalista e também pedidos para que o veículo investisse na formação de críticos. Pouco espaço foi aproveitado para uma efetiva evolução na discussão dos conceitos presentes no espetáculo. Quando isso era feito, o comentário era acompanhado de ofensas à pessoa do jornalista.

2.2.2 Jornale

⁴ Blog da Gazeta do Povo Online, endereço www.blogs.rpc.com.br/gazetadopovo/festival.

O Jornale, portal de notícias produzido no Paraná, veicula durante o ano a agenda de espetáculos e, eventualmente, alguma resenha, caso a produção seja considerada relevante. Em 2008, contratou uma jornalista e um produtor teatral para manterem um blog⁵ durante o Festival de Curitiba. Andressa Portugal e Rodrigo Fornos postaram matérias e impressões pessoais no espaço destinado ao evento. Ao todo foram feitas 29 postagens durante os dez dias de evento, tendo o blog alcançado menos repercussão que o da Gazeta, de acordo com os comentários feitos nos dois veículos (no Jornale, a matéria mais comentada teve dois comentários).

Neste veículo também não há um aprofundamento acerca das produções comentadas. Os profissionais envolvidos trazem de maneira isenta uma espécie de serviço dos espetáculos. Elementos das sinopses e dos atores são colocados nas postagens, com algumas curiosidades complementando o conteúdo.

2.2.3 Folha Online

A Folha Online⁶ dedica a editoria “Ilustrada” para veicular notícias e críticas das produções artísticas. O enfoque é para as montagens do eixo Rio - São Paulo, com coberturas especiais de eventos importantes pelo Brasil, a exemplo do que acontece durante o Festival de Curitiba. O veículo dedica um espaço exclusivo à cobertura. A convite da organização uma equipe de jornalistas e um fotógrafo realizam matérias e críticas de espetáculos.

As críticas são assinadas por Valmir Santos e Sérgio Sálvia Coelho, que costumam suas análises com fundamentos técnicos a respeito das peças assistidas. Em 2008, a Folha enviou ao Festival de Curitiba um jornalista para a realização de entrevistas com artistas, pessoas ligadas ao evento e cobertura de notícias sobre celebridades.

2.2.4 Blog Cacilda e Revista Bacante Online

Ainda no espaço da Folha Online, o blog “Cacilda”⁷ de Lenize Pinheiro e Nelson Sá é na descrição do próprio perfil um:

Blog de teatro com textos e fotografias de peças em cartaz ou por estrear. Montagens antigas, ensaios, indicações e vivências e experimentos. Eventuais visitas a salas de teatro, e suas respectivas companhias. Coberturas de Festivais de Teatro, apontamentos com novidades e curiosidades em torno do tema.

É um espaço descontraído, que não se prende a formatos de crítica ou divulgação de material. Ao gosto de seus autores, o blog ganha uma imensa variedade de material, fotos aleatórias, comentários pertinentes, apenas entrevistas, etc. Estes aspectos convergem em grande parte com o blog que este projeto propõe,

⁵ Endereço do blog no Jornale: www.jornale.com.br/ofestivaleaqui.

⁶ Endereço da Folha Online: www.folha.com.br/ilustrada.

⁷ Endereço do blog Cacilda: <http://cacilda.folha.blog.uol.com.br>.

principalmente no que diz respeito a descartar a objetividade característica de veículos tradicionais e trabalhar com a subjetividade, característica principal da arte em geral e ferramenta utilizada nesse projeto para a obtenção de um material amplo que concentre os principais aspectos de uma obra de arte.

Já o portal⁸ da Revista Bacante Online é composto por um menu com editorial, críticas, especial, entrevistas e blog. Os jornalistas esboçam um raciocínio acerca do que viram sem prender-se na superficialidade e em impressões de senso comum. Dialogam com o leitor até mesmo pedindo opinião ou esclarecimento sobre determinado dado, a exemplo de Leca Perrechil ao escrever sobre o espetáculo Hitchcock Blonde:

Logo na chegada, o clima já era favorável. A sombra do cineasta Alfred Hitchcock podia ser vista pelo lado de fora do teatro, projetada na janela – da mesma maneira que o diretor aparece em uma de suas películas (depois de ver tantos filmes dele, não me lembro exatamente em qual era que tinha a sombra. Mas se você, leitor, souber e quiser postar aqui, sintá-se à vontade).

2.2.5 Aplauso Brasil (IG) e Estadão

O site Aplauso Brasil⁹ do Portal IG abre espaço para críticas de teatro da produção brasileira. Durante o Festival de Curitiba, a convite da organização do evento, jornalistas do site, a exemplo do editor-chefe Michel Fernandes, vêm à cidade para a cobertura dos 11 dias de Festival. É perceptível no discurso uma tentativa de situar o leitor tecnicamente sobre os acertos e falhas em torno de um espetáculo. Porém, as impressões pessoais e uma relação mais próxima com os grupos de teatro quebra essa objetividade no discurso.

⁸ Endereço do portal Bacante: www.bacante.com.br

⁹ Endereço do site Aplauso Brasil: http://igbandalarga.ig.com.br/apluso/materias_e_criticas.html.

O portal do Estadão¹⁰ é representado pela jornalista Beth Néspoli. A mesma trata em seus textos toda peculiaridade pertinente a crítica. No Especial Festival de Curitiba é possível encontrar fotos, notícias e críticas dos espetáculos pela equipe trazida a convite da organização. Há também espaço para comentário em cada opinião expressada pela jornalista, que também reporta para o veículo impresso. A característica aqui é a versão online e factual do jornal, bem diferente dos blogs até então analisados. A cobertura cultural do Jornal do Estado de São Paulo, o Estadão, é realizada durante todo o ano, com focos em diferentes espetáculos e variados eventos pelo Brasil.

2.2.6 No Quintal

Este espaço é um site curitibano voltado principalmente à críticas teatrais. A atriz Ana Ferreira faz críticas, entrevistas e dá dicas do que ver durante a semana na capital. A própria descrição do objetivo do site esclarece bem o intento do veículo e também parte das indagações realizadas neste projeto. Segue:

Por perceber a crítica teatral sendo substituída por publicidade ou resumida em entrevistas e resenhas é que o **NOQUINTAL** surge com o valor final de resgatá-la como pólo de tensão da arte em Curitiba, nosso quintal. Sem nos valer de métodos ou estruturalismos, que acabam por tomar a fatia como o todo, nós do **NOQUINTAL** acreditamos na sensibilidade e na carga cultural como forte instrumento de análise artística. Temos a consciência de que essa escolha é a que mais pode nos expor a erros e a reprovações. Mesmo assim, com o pensamento de que o academicismo já tem um grande espaço na arte, e sem desmerecer esse importante reconhecimento, insistimos em um retorno à emoção, ao dionisíaco, parte que a racionalidade humana tem tido como inferior por esquecer-se bicho. Com a preocupação de que o teatro não seja feito apenas para quem faz teatro, também ambicionamos dar importância ao público em geral. Ao leitor conhecedor de que nosso foco é uma análise

¹⁰ Endereço do Estadão na Internet: <http://www.estadao.com.br/arteelazer>.

subjetiva, sem formulações de paradigmas, o **NOQUINTAL** dá toda a liberdade para discordar de nossas posições¹¹.

O que se identifica desta descrição é a percepção de que a produção jornalística acerca da arte teatral não pode ser resumida à sinopses, serviços, resenhas ou publicidade. Nesse sentido, este site é o que mais se aproxima, em objetivos, da proposta do blog aqui apresentada.

De que forma reverter esse quadro de defasagem do jornalismo cultural em Curitiba?

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Contribuir para a difusão artística das produções teatrais curitibanas através de reportagens dos espetáculos em cartaz na capital, propiciando um espaço para discussão artística e resgatando a identidade cultural local.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

¹¹ Descrição retirada do site www.noquintal.com.br, acessado em 8 de maio de 2008.

- Criar um blog para veicular reportagens em vídeo, áudios, imagens (tanto fotos quanto filmes) de peças e entrevistas com artistas que produzem suas obras em Curitiba;
- Proporcionar espaço para a manifestação da opinião do público, com realização de enquetes, entrevistas e divulgação de comentários;
- Fornecer subsídios suficientes para uma reflexão crítica do contexto artístico e da peça;
- Promover um debate estético, histórico e social sobre a obra analisada.

4. JUSTIFICATIVA

Segundo estimativas de 2007 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Curitiba é a maior cidade da região sul do país e a sétima maior do Brasil, com uma população de 3.335.588 habitantes, incluindo sua região metropolitana. A capital paranaense possui também um dos maiores festivais artísticos do mundo, o Festival de Curitiba – melhor explicado no item “delimitação do tema” -, que reúne anualmente centenas de produções teatrais de todo o Brasil e também do exterior.

Além disso, há uma produção artística constante na cidade por parte dos diversos coletivos artísticos, companhias, grupos e artistas independentes, além de estudos acadêmicos realizados na Faculdade de Artes do Paraná.

Curitiba tem, em média, 20 espetáculos por mês em cartaz. É o que mostra o Guia Curitiba Apresenta, veículo da Fundação Cultural de Curitiba, em análise feita entre junho de 2007 e março de 2008. Segundo informações do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado do Paraná (SATED), não há um mapeamento significativo de quantas companhias profissionais existem hoje na cidade. O número, pelo qual eles se baseiam, são de alguns espaços cênicos que formalizam contratos diretamente com o sindicato. Com isso, calcula-se, em média, que 23 teatros registram a presença de profissionais das artes na cidade, sem necessariamente manter um grupo. Isso sem contar os diversos artistas amadores que realizam trabalhos sem a permissão do sindicato.

Nany Semicek (2006), diretora executiva do Festival de Curitiba entre os anos de 2001 e 2007 responde: “Não há profissionais especializados na cidade voltados para comunicação e teatro, logo não há críticas. Como o evento [o Festival de Curitiba] é uma vitrine de artistas para o Brasil e para o mundo, é necessário um olhar mais apurado sobre as peças e é por isso que são contratados críticos de fora”.

Diante deste panorama, é possível perceber que não apenas durante o Festival de Curitiba a cena teatral deve ser valorizada. A abordagem jornalística das peças de teatro da capital deve ser realizada durante todo o ano, já que são dezenas de peças em cartaz todas as semanas. Para valorizar o potencial que Curitiba tem em produzir espetáculos teatrais é que o blog Cena Curitiba se propõe a fazer uma cobertura ponderada, que não privilegia determinados grupos ou espetáculos e, sim, forneça

subsídios para que o público possa participar de um debate artístico acerca do que é produzido em sua cidade no âmbito das artes cênicas.

Nos anos 50, quando a produção cultural em Curitiba começou a se desenvolver, em função da inauguração do Teatro Guaíra, acompanhou-se a esse movimento um aumento nas produções jornalísticas dedicadas às artes cênicas, como revistas, jornais, suplementos etc. Foi criada naquele período a Associação Paranaense de Cronistas Teatrais – APCT.

Pensando em melhor informar o público conquistado pelo trabalho dos diferentes grupos teatrais atuantes em Curitiba no período, publicações periódicas voltadas, exclusivamente, a artes cênicas começaram a ser editadas. Foi o caso de *Nós e o Teatro*, publicada pela Escola de Arte Dramática do SESI; de *Legenda*, *Garoto*, *Idéias*, e muitas outras que, apesar de sua efêmera duração, chegaram em um primeiro momento a cumprir o seu papel: o de complementar de maneira mais específica, as diferentes notícias teatrais publicadas nos jornais locais. Jornalistas e colunistas responsáveis pelas sessões de teatro e revistas especializadas também começaram a se firmar no panorama teatral da cidade chegando a fundar, na segunda metade da década, a Associação Paranaense de Cronistas Teatrais - APCT (TEIXEIRA, 2001, p. 8 - 9).

A cultura presente no Estado e no país é muito rica. Em todas as regiões as manifestações artísticas estão presentes fortalecendo a identidade cultural do Brasil. O presente trabalho também visa conseguir um maior reconhecimento dessa cultura por parte da sociedade.

Estas estatísticas e fatos culturais foram um dos motivos importantes que levaram à realização deste trabalho. Diante de uma cidade com tanto potencial artístico, o jornalismo cultural deve também se equiparar a essa estrutura, para que possa refletir a sociedade, registrar as manifestações artísticas e criticá-las, a fim de gerar um debate estético e diálogo dos artistas com a sociedade.

É nesse sentido que o blog pretende colaborar para a difusão cultural em Curitiba. O espaço destinado a reportagens ganhará em credibilidade e projeção, por estar vinculado a uma empresa respeitada em todo o Paraná.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao propor reportagens culturais em vídeo, hospedadas em um blog, o que se pretende é ressaltar a importância da democratização ao acesso à informação para todos. Promover a reflexão, a crítica, a quebra dos estereótipos e a disseminação da informação sobre a existência da obra artística. Em segundo lugar, busca-se a promoção do conhecimento da realidade, da vida, do mundo por meio do conteúdo das obras que estará sendo colocado na Internet. E em terceiro, a colocação em debate da

forma e conteúdo das obras, na tentativa de contribuir para a própria produção artística.

Como explica Eco:

Os *mass media* oferecem um acervo de informações e dados acerca do universo sem sugerir critérios de discriminação; mas, indiscutivelmente, sensibilizam o homem contemporâneo face ao mundo; e na realidade, as massas submetidas a esse tipo de informação parecem-nos bem mais sensíveis e participantes, no bem e no mal, da vida associada, do que as massas da antiguidade, propensas a reverências tradicionais face a sistemas de valores estáveis e indiscutíveis. Se esta é a época das grandes loucuras totalitárias, também não é a época das grandes mutações sociais e dos renascimentos nacionais dos povos subdesenvolvidos? Sinal, portanto, de que os grandes canais de comunicação difundem informações indiscriminadas, mas provocam subversões culturais de algum relevo (ECO, 2001, p. 48).

É importante também, no contexto deste estudo, esclarecer sobre o conceito de cultura de massas, já que os meios de comunicação (Internet e meio impresso) utilizados para a veiculação do produto estão diretamente ligados à essa definição. Umberto Eco, em *Apocalípticos e Integrados*, trata da mesma como não sendo unicamente uma característica do regime capitalista. Segundo ele, a cultura de massa...

...[...] nasce numa sociedade em que toda a massa de cidadãos se vê participando, com direitos iguais, da vida pública dos consumos, da fruição das comunicações; nasce inevitavelmente em qualquer sociedade de tipo industrial. Toda vez que um grupo de poder, uma associação livre, um organismo político ou econômico se vê na contingência de comunicar-se com a totalidade dos cidadãos de um país, prescindindo dos vários níveis intelectuais, tem que recorrer aos modos de comunicação de massa, e sofre as regras inevitáveis da “adequação à média”. A cultura de massa é própria de uma democracia popular como a China de Mao, onde as grandes polêmicas políticas se desenvolvem por meio de cartazes de estórias em quadrinhos; toda a cultura artística da União Soviética é uma típica cultura de massa, com todos os defeitos de uma cultura de massa, entre os quais o conservantismo estético, o nivelamento do gosto pela média, a recusa das propostas estilísticas que não correspondem ao que o público já espera, a estrutura paternalista da comunicação dos valores (Idem, 2001, p. 44).

Buscar a interação e a fruição na comunicação de eventos culturais torna-se um dos pontos mais instigantes deste projeto. Falar em interação é também colocar em questão a realidade do outro, daquele com o qual se interage. E é nesse contexto que é preciso fazer uma reflexão sobre a construção de uma realidade baseada na comunicação social.

5.1 O JORNALISMO NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

A realização deste projeto cria questões que merecem esclarecimentos, especialmente no âmbito da criação de um blog cultural. O principal questionamento seria: de que forma se pode definir o que é jornalismo? Tal questão torna-se mais inquietante quando se depara com os estudos feitos por Nelson Traquina, no primeiro volume do livro *Teorias do Jornalismo – Porque as notícias são como são*. Já na abertura do texto, Traquina mostra a dificuldade em tentar responder a pergunta: o que é jornalismo?

É absurdo pensar que possamos responder à pergunta ‘O que é jornalismo?’ Numa frase, ou até mesmo num livro. (...) Poeticamente podia-se dizer que o jornalismo é a vida, tal como ela é contada nas notícias de nascimentos e de mortes, tal como o nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de um sociólogo conhecido mundialmente. É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia. Uma breve passagem pelos jornais diários vê a vida dividida em seções que vão da sociedade, a economia, a ciência e o ambiente, à educação, à arte, aos livros, aos *media*, à televisão, e cobre o planeta com a divisão do mundo em local, regional, nacional (onde está essencialmente a política do país) e internacional. Um exame da maioria dos livros e manuais sobre jornalismo define as notícias em última análise como tudo o que é importante e/ou interessante (TRAQUINA, 2005, p. 19).

Mas, de fato, tais elementos não demonstram toda a realidade do jornalismo, que é tão velho quanto a humanidade. Existem formas de expressão primitivas que

comprovam a necessidade do ser humano de ser informado ou até mesmo transmitir uma informação. Basta observar os registros deixados nas paredes das cavernas pelo homem primitivo. Desde os primórdios do homem, a comunicação é sinônima de expressão humana. O seu raio de ação inclui todos os processos comunicativos que acompanham a evolução do homem na sua busca por ser informado e informar sobre os acontecimentos à sua volta.

É fato que o homem sempre teve vontade, interesse e aptidão para saber o que se passa. Informar e informar-se constitui o requisito básico da sociabilidade. Mas a complexidade adquirida pela organização social, o agigantamento populacional e a redução dos obstáculos geográficos aguçaram a curiosidade humana. Não se trata apenas de uma dimensão gregária. A intensificação e o refinamento das relações de troca, que ocorrem no bojo das transações capitalistas, as possibilidades de atuar e de influir na vida da sociedade, que se afiguram na eclosão das revoluções burguesas, tornam a informação um bem social, um indicador econômico, um instrumento político (MELO, 2003, p. 19).

A discussão é ampla e vários autores tentam transmitir conceitos de jornalismo e sua importância para a humanidade. Mas todos concordam que, de certa forma, a presença do jornalismo acompanha o homem no seu contexto histórico. Traquina transpõe isso em seu livro na tentativa de explicar o jornalismo.

O jornalismo pode ser explicado pela frase de que é a resposta à pergunta que muita gente se faz todos os dias – o que é que aconteceu/está acontecendo no mundo?, no Timor?, no meu país? Na minha “terra”? – o que aconteceu no julgamento de um ex-presidente de um clube desportivo desde ontem – quem ganhou o jogo? Ao longo dos séculos, as pessoas (muitas delas pelo menos) têm desejado ser informadas sobre o que as rodeia, usando o jornalismo (ou uma forma pré-moderna do jornalismo) para se manterem em dia com os últimos acontecimentos, para os combinarem com um conhecimento dos tópicos que lhes permita participar de conversas pessoais e de grupo, talvez para se sentirem reassseguradas de que através dos vários produtos do jornalismo não estão a perder algo, ou para serem fascinadas pelas alegrias ou tragédias da vida (TRAQUINA, 2005, p. 20).

O que faz da realidade tão interessante que precise ser retratada através de relatos dos fatos? A sociedade em geral busca manter-se informada das histórias da vida real para assegurar uma “sabedoria” que lhes permita interagir com os demais em seu meio. “Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘histórias’, ‘histórias’ da vida, ‘histórias’ das estrelas, ‘histórias’ de triunfo e tragédia” (Idem, 2005, p. 21).

Considerar o papel do jornalista como fundamental na sociedade é atribuir a ele ou até mesmo à profissão um valor que através dos tempos, já era dado, apenas mudou de nome. “Poder-se-ia dizer que os jornalistas são os modernos contadores de ‘histórias’ da sociedade contemporânea, parte de uma tradição mais longa de contar ‘histórias’” (Idem, p. 21).

Interpretar a função e o significado do jornalismo vai muito além da técnica oferecida pelo mesmo. Assim como na arte, o jornalismo, além da técnica, tem de ser compreendido como uma mensagem, um código que é oferecido a alguém, seja ele o leitor, espectador, ouvinte etc. A banalização da profissão leva a crer que o jornalismo é apenas a padronização da notícia com o intuito de informar, quando na teoria deveria ser bem diferente.

No entanto, o jornalismo é demasiadas vezes reduzido ao domínio técnico de uma linguagem e seus formatos, e os jornalistas reduzidos a meros empregados, trabalhadores numa fábrica de notícias. (...) há muito mais no jornalismo, para além do domínio das técnicas jornalísticas, e que os jornalistas fazem parte de uma profissão, talvez uma das profissões mais difíceis e com maiores responsabilidades sociais (Idem, p. 22).

A história mostra de que forma o jornalismo contribuiu e continua contribuindo para as questões democráticas. “Tal como a democracia sem uma imprensa livre é impensável, o jornalismo sem liberdade ou é farsa ou é tragédia”, (Idem, p. 23). O autor

foi feliz em sua afirmação, pois não há como relacionar desenvolvimento sem liberdade. É o que mostra o contexto histórico mundial, onde civilizações foram dizimadas por guerras e ainda hoje tentam se reerguer. Pensar em um jornalismo sem liberdade é como pensar em algo sem o seu fundamento. “As liberdades são reais, mas seria uma visão romântica da profissão imaginar que o jornalismo é a soma de todos os jornalistas a agir em liberdade. Uma pergunta permanente é precisamente até que ponto um jornalista é livre e são livres os jornalistas” (Idem, p. 25).

Por mais contraditório que Nelson Traquina possa parecer, ao primeiro falar da imprensa sem liberdade e depois dizer que isso não passa de uma visão romântica, tudo isso é justificável pelas razões que tiram, de certa forma, essa liberdade profissional do jornalismo.

O trabalho jornalístico é condicionado pela pressão das horas de fechamento, pelas práticas levadas a cabo para responder às exigências da tirania fator tempo, pelas hierarquias superiores da própria empresa, e, as vezes o(s) próprio(s) dono(s), pelos imperativos do jornalismo como um negócio, pela brutal competitividade, pelas ações de diversos agentes sociais que fazem a “promoção” dos seus acontecimentos para figurar nas primeiras páginas dos jornais ou na notícia de abertura dos telejornais da noite (Idem, p. 25).

Realizar reportagens focadas nas artes cênicas, e não resenhas a respeito das produções curitibanas, é um desafio no campo jornalístico que este trabalho se propõe a enfrentar, pois se exige aqui uma especialização no tema que se pretende abordar. A opção de não se trabalhar com resenhas consiste basicamente nas suas diferenças.

(...) a *resenha* (antigamente chamada do *rodapé* literário) é atividade propriamente jornalística que se caracteriza por ser um “comentário breve”, quase sempre permanecendo “à margem” da obra ou saindo do “a propósito” (MELO, 2003, p. 131 e 132).

Fazer vídeos documentais, informativos e provocantes é uma das metas deste trabalho. A idéia é, assim, conceber o jornalista não só como um instrumento de reprodução da notícia, mas como um agente ativo e participativo na construção da realidade. Sobre isso Traquina diz: “Os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade” (TRAQUINA, 2005, p. 26).

Dentre as teorias do jornalismo observadas na elaboração do trabalho aqui proposto, a que mais se encaixa com a realidade deste estudo, é a teoria construcionista. Tal teoria parte do princípio de que as notícias não são apenas reflexos da realidade, como é o caso da teoria do espelho, elas não apenas refletem a realidade, mas também ajudam a construí-la. Traquina discorre em seu livro sobre a origem dos estudos da teoria construcionista: “Na riqueza da investigação acadêmica sobre o jornalismo que surge nos anos 70, emerge um novo paradigma: as notícias como construção” (Idem, p. 168). Para a presente proposta, identificar semelhanças com o construcionismo dentro do campo jornalístico foi fundamental para definir seu propósito.

Assim, a pesquisa dos anos 70 constituiu um momento de virada, com a emergência de um paradigma que é totalmente oposto à perspectiva das notícias como “distorção” e que também põe em causa diretamente a própria ideologia jornalística e a sua teoria das notícias como espelho da realidade. O ponto essencial de discordância entre estas duas perspectivas reside precisamente na posição tomada por parte de cada perspectiva perante a ideologia jornalística. Nos estudos da parcialidade das notícias, a teoria das notícias como espelho não é posta em causa; nos estudos que utilizam a perspectiva das notícias como construção, a teoria do espelho é claramente rejeitada (Idem, p. 168).

Como este trabalho se propõe fazer reportagens mais aprofundadas na editoria de teatro, não caberia aos jornalistas envolvidos abordar a notícia como um mero

reflexo da realidade teatral curitibana, pois é a partir deste projeto que se pretende ajudar a construir uma realidade mais sólida para o segmento das artes cênicas na cidade. Mais do que isso: resgatar a identidade da produção local, dando visibilidade à mesma a partir das notícias veiculadas no blog.

O filão de investigação que concebe as notícias como construção rejeita as notícias como espelho por diversas razões. Em primeiro lugar, argumenta que é impossível estabelecer uma distinção radical entre realidade, e os *media* noticiosos que devem “refletir” essa realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade. Em segundo lugar, defende a posição de que a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutral é impossível. Em terceiro lugar, é da opinião de que os *media* noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos fatores, incluindo os aspectos organizativos do trabalho jornalístico (Altheide, 1976), as limitações orçamentais (Epstein, 1973), a própria maneira como a rede noticiosa é colocada para responder ‘a imprevisibilidade dos acontecimentos (Tuchman, 1978) (Idem, p. 168 - 169).

O fator notícia dentro das teorias do jornalismo dá margem a vários significados. Ainda na teoria construcionista, adotada aqui como referencial teórico, pode-se observar o meio externo influenciando na hora da produção da notícia. Muitas vezes relatadas como “estórias”, as notícias, ambientam a construção da realidade de acordo com os elementos que fazem parte dela.

A conceitualização das notícias como estórias dá relevo à importância de compreender a dimensão cultural das notícias. Para o sociólogo norte-americano Michel Shudson, as notícias são produzidas por “*peessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discursos*” (1995: 14). Shudson acrescenta: “*As notícias como uma forma de cultura incorporam suposições acerca do que importa, do que faz sentido, em que tempo e em que lugar vivemos, qual a extensão de considerações que devemos tomar seriamente em consideração*” (ibidem:14) (Idem, p. 170 e 171).

Ao noticiar para um público segmentado, a seleção do tipo de linguagem tem de ser criteriosa. Traquina trata do registro da notícia construtivista da seguinte forma:

Na perspectiva do paradigma construtivista, embora sendo índice do “real”, as notícias registram as formas literárias e as narrativas utilizadas para enquadrar o acontecimento. A pirâmide invertida, a ênfase dada à resposta às perguntas aparentemente simples: quem? o que? onde? quando? A necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspectos do acontecimento – processo orientado pelo enquadramento escolhido – são alguns exemplos de como a notícia, dando vida ao acontecimento, constrói o acontecimento e constrói a realidade (Carey, 1986) (Idem, p. 174).

Colaborar com a construção da realidade, nesse caso, é fornecer subsídios para que o público possa analisar uma obra de arte além da perspectiva de público. Não só isso: criar ou não um interesse em ver um espetáculo em discussão no blog que ainda não se viu. Todos esses elementos contribuem para a formação de uma postura crítica por parte do público curitibano. Por esse motivo, o próximo tópico vai tratar da importância, das características e da relevância da crítica na sociedade contemporânea.

5.2 A CRÍTICA

Neste blog, a crítica tem um papel secundário, mas não menos importante. Secundário no sentido de que a crítica dar-se-á por meio de um compêndio de materiais sobre determinado espetáculo. Primeiro teremos uma exposição dos elementos componentes do espetáculo, discussões, bate-papos para, com isso, buscar uma reflexão crítica. É nesse sentido que se faz necessário explicar o papel da crítica neste processo de reflexão sobre a cena artística.

O surgimento da crítica não está relacionado ao surgimento da arte. A arte surge primeiro e abre caminho para ser discutida e exposta, é quando surge a crítica cultural. JUSTINO (2005)¹² – afirma que, “a arte, em *lato sensu*, é bem mais antiga: tem sua origem no paleolítico” (2005, p. 14). Para Justino, a arte nunca necessitou da crítica para existir. No entanto, esta última foi afirmando a sua razão de ser, pois corresponde à necessidade de compreensão do fenômeno artístico.

É nesse contexto inicial que partimos para entender o surgimento da crítica e sua função.

Embora já encontremos o espírito crítico em Platão e Aristóteles, a crítica de arte, da forma como a entendemos (como análise de linguagem), só tem seu início no século XVI, com Aretino, Pino, Dolce, na leitura da arte veneziana. [...] A crítica surge, então, dando conta tanto da avaliação como da interpretação. Sem dúvida, essa ocupação faz do crítico, em relação à obra, uma autoridade, amada ou odiada (*Idem*, p. 14).

A crítica é, portanto, uma linguagem que analisa outra, sendo denominada como metalinguagem. No estudo aqui presente, o papel da crítica é analisar as especificidades da linguagem teatral, o que pode proporcionar discussões que visam a evolução do espetáculo e outras que ficam na esfera das ofensas pessoais. É o que a autora cita como uma autoridade odiada, ou seja, o crítico que por motivos diversos, causa a ira daqueles que divergem de sua opinião.

A história da crítica é permeada e relacionada com a história da arte e dos momentos históricos pelos quais ambas passaram. Desde o seu surgimento, passando pela Idade Média, Renascimento, Iluminismo, modernidade, pós-modernidade e contemporaneidade. As características da crítica nos períodos citados serão

¹² Maria José Justino é doutora em Estética e Ciências das Artes pela Universidade de Paris (VII), professora na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, crítica de arte com vários livros publicados.

explanadas a seguir. Antes, porém, é importante citar Justino para esclarecer a afirmação acima:

A Estética, a História da Arte e a Crítica continuam refletindo e interpretando as obras, tanto com relação à técnica, à comparação com outras obras, às condições das obras, quanto com relação à cultura, condições de seu tempo, autoria, relação com a política e o seu sentido social (*Idem*, p. 31).

A crítica tem um papel específico ao articular-se com a sociedade. Funciona como esclarecedora de muitos conceitos presentes em determinadas obras, os quais nem todos os cidadãos têm *background* para identificar. Além disso, Maria Helena Martins esclarece outros aspectos da crítica na sociedade:

Ao se desmistificarem concepções excludentes do chamado leitor/espectador comum, prevalecem a orientação e o convite para ele se aproximar das tantas manifestações de arte e cultura que o cercam, sem pejo e sem culpa. Assim, criam-se condições para que ele se perceba vivenciando-as e expresse essa experiência dialogando com as diversas mediações da crítica com outros leitores. Essa relação participativa, afinal, é que dá sentido à própria existência da criação estética, dos bens culturais, e que se torna cada vez mais necessária para o leitor (re) conhecer o seu lugar, a sua função, no complexo carrossel de linguagem em que vive (MARTINS, 2000, p. 12).

O papel da crítica vai mais além do simplesmente opinar sobre determinado segmento da arte. Ela está ali para ajudar a consolidar a identidade cultural de uma região, estado ou país. É ela que promove a discussão e o aperfeiçoamento das manifestações artísticas dentro de uma sociedade.

No discurso crítico, o objeto de arte é sempre, além daquilo que parece ser, descrito através do modo analógico do “como”. Ele é isto e outra coisa ao mesmo tempo. Prestígio e prestidigitação da escrita, o de poder manifestar dois estados da coisa ou da idéia no mesmo ato verbal. Nesse ponto de incandescência poética, a escrita entra, naturalmente, no domínio da filosofia, pois, se uma coisa é isso e ao mesmo tempo pode

ser aquilo, somente a imaginação saberá dar conta dessa complexidade (Idem, p. 21).

5.3 JORNALISMO CULTURAL

Para iniciar o tópico sobre o Jornalismo cultural se faz necessária uma explanação sobre o a origem do seu conceito. É difícil definir uma data para o surgimento dessa atividade no campo jornalístico. No máximo, o que se consegue ter são referências acerca da possível época em que se começou a desenvolver a prática do jornalismo cultural. “Um marco dos princípios do jornalismo cultural, não uma data inicial, é 1711. Foi nesse ano que dois ensaístas ingleses, Richard Steele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719), fundaram uma revista diária chamada *The Spectator*”, (PIZA, 2003, p. 11).

Quando se fala em assuntos relacionados à cultura de um modo geral logo se remete à idéia de intelectuais discutindo conceitos acerca das produções artísticas. Foi para reverter esse pensamento que os precursores da *Spectator* a criaram. Eles almejavam disseminar a discussão, considerada “intelectual”, para lugares onde as pessoas pudessem falar a respeito de conteúdos restrito à uma minoria.

Os dois decidiram lançar a *Spectator* com a seguinte finalidade: “Tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembléias, casas de chá e cafés”. E assim seria. Logo Londres estaria ansiosa por descobrir quem eram os autores por trás de assinaturas como CLIO, R, T e X – e descobriria. Addison e Steele se tornaram famosos; o que escreveram nos quatro anos que fizeram a revista era discutido, tal como queriam, nas mesas dos cafés, clubes e casas (PIZA, 2003, loc.cit).

O conteúdo da revista era bastante diversificado e amplo; tratava de assuntos pertinentes a todas as manifestações artísticas da época. Utilizava-se do seu caráter cultural para promover discussões das mais variadas.

A revista falava de tudo – livros, óperas, costumes, festivais de música e teatro, política – num tom de conversação espirituosa, culta sem ser formal, reflexiva sem ser inacessível, apostando num fraseado charmoso e irônico que faria o futuro grão-mestre da crítica (...) Podia tratar dos novos hábitos vistos numa casa de café, como temas de discussão e roupas na moda, ou então criticar o culto às óperas italianas e o casamento precoce. Podia citar Xenofonte para satirizar a falta de modéstia dos ingleses e Dom Quixote para atacar a mania de ridicularizar o outro por meio de risadas (Idem, p. 12).

Tais elementos serviram para que a *Spectator* iniciasse uma nova fase no campo jornalístico cultural. Ela começa a definir características bastante peculiares dessa área que desponta para o jornalismo como um acréscimo significativo no que diz respeito à segmentação. É importante também compreender alguns dos aspectos históricos que propiciaram, não só o desenvolvimento do periódico inglês, mas sim do próprio jornalismo cultural.

O jornalismo cultural, dedicado à avaliação de idéias, valores e artes, é produto de uma era que se inicia depois do Renascimento, quando as máquinas começaram a transformar a economia, a imprensa já tinha sido inventada (por Gutenberg em 1450) e o Humanismo se propagara da Itália para toda a Europa, influenciando o teatro de Shakespeare na Inglaterra e a filosofia de Moutaigne na França. Os *Ensaíos* de Moutaigne, com sua capacidade de mesclar o mundano e o erudito, são a matriz evidente das conversações de Addison e Steele. Filho do ensaísmo humanista, o jornalismo cultural inglês também ajudou a dar a luz ao movimento iluminista que marcaria o século XVIII (Idem p. 12 e 13).

5.3.1 Jornalismo cultural no Brasil

O jornalismo cultural só ganha força no Brasil no final do século XIX, através da reportagem, entrevistas e críticas de arte que o tornaram mais participante. “O jornalismo cultural no Brasil do século XX segue uma história semelhante à de outros países, mas repleta de lances peculiares” (PIZA, 2003, p. 32).

Na década de 40, incursões do jornalismo na reportagem literária são feitas pela revista *Diretrizes*, dirigida por Samuel Wainer. Dois motivos explicam o aparecimento, ainda que tardio, deste tipo de revista no país. “A raridade desse gênero no Brasil se explica pela economia (revistas com textos longos sempre foram vistas como comercialmente inviáveis), mas também pela cultura (o jornalismo cultural brasileiro amadureceu tardiamente)” (Idem, p. 33).

De acordo com Piza, a grande época da crítica em jornal no Brasil começou também em 1940 e se estendeu até o final dos anos 60. Os críticos Álvaro Lins e Otto Maria Carpeaux foram os nomes que se distinguiram nesse período. Ainda segundo Piza, ambos combinaram o jornalismo e o enciclopedismo no jornal *Correio da Manhã*, aliando visões políticas sensatas e apurado estilo ensaístico, o que ajudou a dar ao jornal sua fama de bem escrito e independente.

Lins, que foi o redator-chefe do jornal entre 1940 e 1956, estabeleceu um padrão com seu Rodapé Literário, fazendo a chamada crítica “impressionista” – em que o crítico descreve em primeira pessoa suas impressões sobre o livro - , mas com um padrão de exigência e argumentação inéditos na imprensa brasileira, porque livres das forças do compadrio e da conveniência (Idem, p. 35).

Piza diz que um novo padrão gráfico e editorial surge no final dos anos 50 em publicações como o Jornal do Brasil (JB), Última Hora e Diário Carioca. O advento das novas tecnologias começa a se espalhar pelas redações. A modernização do JB começa em 1956, dando mais valor a reportagem e o visual. É nesse período, segundo Piza, que o lide é instituído. Ainda nos anos 50 há também o surgimento dos suplementos literários. De acordo com Piza o suplemento de *O Estado de São Paulo*,

no entanto, será criado no início dos anos 60 e reunirá grandes intelectuais como Antonio Candido, Paulo Emilio Salles Gomes e Décio de Almeida Prado, entre outros.

5.3.2 Jornalismo cultural hoje

É importante perceber de que maneira os cadernos culturais, no geral, estão refletindo a construção de uma realidade ou até mesmo a maneira com que contribuem para consolidar a identidade cultural de cada região. Daniel Piza, em seu livro *Jornalismo Cultural*, traz a discussão dos aspectos à que se propõe, ou deveria se propor, o jornalismo cultural.

Não há nada de nostalgia ou negativismo em observar que o jornalismo cultural brasileiro já não é como antes. Pequeno panorama histórico é suficiente para mostrar que grandes publicações e autores do passado têm hoje poucos equivalentes; mais que uma perda de espaço, trata-se de uma perda de consistência e ousadia e, como causa e efeito, uma perda de influência (PIZA, 2003, p. 7).

Ao constatar a realidade de comodismo do jornalismo cultural brasileiro, é que se busca aqui reverter esta imagem através de um trabalho que discuta o porquê desta carência dentro do jornalismo. Daniel Piza aponta os possíveis motivos que ocasionaram essa estagnação:

No momento atual, o jornalismo cultural não tem conseguido realizar essa função com clareza e eficácia, por variados motivos (...). Mas o primeiro e principal deles tem a ver com esse mesmo debate sobre os critérios para avaliar uma produção cultural que é cada vez mais numerosa e diversificada e economicamente relevante. Trata-se das polarizações grosseiras a que ele tem sido submetido. O jornalismo cultural pode sofrer crises de identidade freqüentes, e é bom que sofra – até porque, como na arte, a condição moderna é “crítica”, isto é, envolve sinais de crise, é instável, cíclica, plural –, mas as dicotomias fáceis só lhe têm feito mal. Recuperar um pouco ao menos de sua capacidade seletiva, de seu poder de influência, implica antes de tudo escapar a oposições (...), todas estreitamente ligadas entre si (Idem, p. 45).

A discussão de Piza é exatamente essa: perceber o jornalismo cultural como essência e não como algo figurativo nas redações. É preciso criar a consciência de que, ao se falar em cultura, necessita-se de um conhecimento aprofundado.

Essa expressão jornalismo cultural, é um pouco incômoda, porque parece tratá-lo da mesma forma como tantas vezes ele ainda é tratado pela grande imprensa brasileira – desempenhando um papel, algo secundário, quase decorativo. Os segundos cadernos têm uma importância para a relação do jornal com o leitor – ou, mais ainda, do leitor com o jornal – que é muito maior do que se supõe. Além disso, há uma riqueza de temas e implicações no jornalismo cultural que também não combina com seu tratamento segmentado; afinal, a cultura está em tudo, é de sua essência misturar assuntos e atravessar linguagens (Idem, p. 7).

A grande dificuldade em se realizar tal seleção crítica e promover reflexões se deve a vários fatores, alguns deles já citados aqui, mas o espaço voltado para a editoria de cultura está sendo cada vez mais reduzido e equivocadamente transformados em futilidades, que não representam a realidade do vasto repertório cultural do país. É o que acontece, por exemplo nos cadernos diários.

Os cadernos diários estão mais e mais superficiais. Tendem a sobrevalorizar as celebridades, que são entrevistadas de forma que até elas consideram banal (“Como começou sua carreira?” etc.); a restringir a opinião fundamentada (críticas são postas em miniboxes nos cantos da página); a destacar o colunismo (praticado cada vez menos por jornalistas de carreira); e a reservar o maior espaço para as “reportagens”, que na verdade são apresentações de eventos (em que se abrem aspas para o artista ao longo de todo o texto, sem muita diferença em relação ao press-release). Os assuntos preferidos, por extensão, são o cinema americano, a TV brasileira e a música pop, que dominam as tabelas de consumo cultural (Idem, p. 53).

Além disso, na Internet há a mesma movimentação editorial em torno das páginas voltadas à cultura. A “Ilustrada” na Folha de São Paulo não aborda o mesmo

conteúdo do jornal, que se esmera em criticar obras literárias, teatrais, cinematográficas, plásticas etc. Na Gazeta do Povo, há na verdade pouco conteúdo diferente entre a versão online e o jornal impresso, no âmbito do “Caderno G” – caderno cultural. Como já retratado, a crítica não aparece na Gazeta. O mesmo ocorre em outros grandes sites, como o G1, da rede Globo; e o Último Segundo, do portal IG, entre outros.

As discussões propostas por Piza são de bastante relevância para o presente trabalho. É a partir deste referencial teórico que se pode entender de que forma o jornalismo cultural vem sendo tratado e quais são seus principais problemas. Torna-se necessário destacá-los para compreender a dimensão do campo em que se pretende atuar, pois sem uma noção da realidade não se pode querer revertê-la apenas com boa vontade. Para Piza, há três males comumente apontados:

O primeiro é o excessivo atrelamento à agenda – ao filme que estréia hoje, ao disco que será lançado no mês que vêm etc. – e, com isso, um domínio muito grande dos nomes já bem-sucedidos, dos eventos de grande bilheteria previsível, das celebridades e grifes. O segundo mal é o tamanho e a qualidade dos textos, especialmente desses que anunciam um lançamento, que pouco se diferenciam dos press-releases, salvo pelo acréscimo de uma declaração ou outra e/ou de alguns adjetivos, e que vêm diminuindo com o passar do tempo, sendo restritos às informações mais ralas. E o terceiro é a marginalização da crítica, sempre secundária a esses “anúncios”, com poucas linhas e pouco destaque visual, mais e mais baseada no achismo, no palpite, no comentário mal fundamentado mesmo quando há espaço para fundamentá-lo; há uma nostalgia, endossada pelas reedições de livros e coletâneas, de grandes críticos do passado, de sua credibilidade autoral (Idem, p. 62 - 63).

5.4 O SURGIMENTO DOS BLOGS E A RELAÇÃO COM O JORNALISMO

A Internet é um meio de comunicação em constante evolução desde o seu surgimento. Alguns autores remontam o advento da Internet ao período da Guerra Fria,

entre as décadas de 1960 e 1970, ainda que com características adversas das que possui hoje. Contudo, em meados da década de 1990, é o período considerado como de sua maior expansão mundial. Não é a característica deste trabalho se ater à história da Internet, contudo algumas datas se fazem necessárias para o entendimento do atual contexto deste meio de comunicação.

1969 – A internet foi concebida em 1969 quando o Advanced Research Projects Agency (ARPA – Agência de Pesquisa e Projetos Avançados), uma organização do Departamento de Defesa norte americano, criou a ARPANET, rede nacional de computadores que servia para prover comunicação emergencial caso o país sofresse algum ataque de outros países, principalmente da União Soviética.

1988 – O cenário do final dos anos 80 era este: muitos computadores conectados entre si nos diversos BBS (Bulletin Board Systems – Sistemas de Boletim Eletrônico) existentes no mundo. No Brasil, a MANDIC BBS destacava-se no cenário nacional.

1989 – Tim Berner Lee escreveu o Enquire, um programa que organizava informações, inclusive as que continham links. Em seguida, propôs a World Wide Web, a internet gráfica que conhecemos hoje.

1992 – A internet começou a ser instalada nas principais universidades brasileiras. Não existe interface gráfica: o monitor é monocromático, com tela preta e letras e números em verde.

1993 – O Mosaic ainda era interface essencial para o ambiente gráfico: era estável, fácil de instalar e incluía gráficos simples em formato bitmap. Criado por Mark Andreessen, foi o primeiro browser pré-Netscape. (DREVES, 2003, p. 110) <http://www.bocc.ubi.pt/pag/dreves-aleta-blog-jornalismo-online.pdf> Aleta Tereza Dreves

A década de 1990 é, sem dúvida, o período no qual a Internet ganhou enorme espaço no Brasil. O surgimento dos jornais digitais se dá principalmente “entre 1995 e 1996” (QUADROS, 2002, online). É neste contexto que surgem também os primeiros blogs no mundo.

Segundo PAQUET (2002 [on-line]), o primeiro weblog foi o de Tim Berners-Lee “What’s New?” (“O que há de novo?”), disponível no sítio <<http://info.cern.ch/>> , que levava a novos sítios quando eles apareciam na rede. O segundo weblog era a página de Marc Andreessen “What’s New?” , no National Center for Supercomputing, cuja função era similar à

pagina de Lee até meados de 1996. Uma série de outros weblogs apareceu com a explosão da web entre 1996-1997, incluindo o de Dave Winer, Scripting News, o de John Barger (que, segundo BLOOD, 2000 [on-line], utilizou pela primeira vez a palavra weblog para descrever “um punhado de sítios identificados como weblogs”), Robot Wisdom e o de Cameron Barrett, Cam World, extremamente personalizados (...)” (SILVA, 2003, p. 23)

Após este breve panorama do surgimento dos primeiros blogs mundiais, é importante que se faça agora uma descrição sobre as principais características de um blog e o que o diferencia de uma página comum.

(...) weblogs possuem uma estrutura-padrão, um formato específico, com algumas variáveis, e por isso são facilmente reconhecíveis na internet. Tal estrutura é determinada por um conjunto de blocos de conteúdo textual e/ou imagético permanentemente renovado. Os weblogs são ainda organizados em função do tempo, ou seja, com as últimas atualizações na parte superior do sítio e as mais antigas logo abaixo, organizadas de acordo com a data de publicação do bloco de texto, privilegiando a atualização mais recente, permitindo que o visitante saiba quando ou se o sítio fora atualizado. (SILVA, 2003, p. 21)
(<http://www.bocc.ubi.pt/pag/dreves-aleta-blog-jornalismo-online.pdf>)

Essas características que o blog assumiu com o decorrer de sua utilização foram as responsáveis por tornar o blog um instrumento de ágil circulação de informações e demais conteúdos. Não é preciso ter um alto domínio técnico para colocar algum conteúdo no ar, ao contrário do que acontece com um portal de notícias ou uma site qualquer.

Os weblogs são baseados em mecanismos que facilitam a colocação de um website no ar. Geralmente possuem layouts prontos e dispensam a necessidade de que o blogueiro saiba a linguagem HTML, principal problema para a colocação de conteúdo na Web. A maioria dos weblogs é baseada também nos princípios de microconteúdo (textos curtos, com as informações relevantes, colocados de modo padrão - em blocos - no site, denominados posts), e atualização freqüente (geralmente, diária. Em alguns casos, os weblogs são atualizados várias vezes ao dia). (RECUERO, 2003, p. 1)

No contexto brasileiro, os primeiros blogs surgiram no país no final dos anos 90. Segundo SILVA (2003), há registros dos dois primeiros blogs surgidos no Brasil. O da gaúcha Viviane Menezes teve postagem por volta de 1998, porém, em formato HTML¹³. Já Marcos Zamorin usou o formato blog no ano de 2000.

Contudo, o que interessa para este estudo é a relação do blog com conteúdos jornalísticos, já que é a este fim que o projeto aqui presente pretende utilizá-lo. Com o boom dos jornais digitais por volta de 1995, como visto anteriormente, grandes veículos de comunicação no Brasil passaram a disponibilizar informações no meio online. “No Brasil, os primeiros veículos de comunicação a entrar na rede foram os dos grandes grupos de comunicação, como: Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Jornal do Brasil, O Globo, Zero Hora, entre outros” (DREVES, 2004, p. 37).

É nesse sentido que os blogs jornalísticos começam a surgir: como extensão do conteúdo exibido em um portal de notícias.

Uma iniciativa que começou associada aos diários íntimos, hoje ganha uma perspectiva de espaço para narração jornalística. Profissionais da área estão se apropriando disso e, atuando ou não em empresas jornalísticas, são autores de blogs. No Brasil, os blogs tratados jornalisticamente com preconceito numa fase inicial, hoje tem respeitabilidade e são largamente citados pelos jornais convencionais. Algumas empresas jornalísticas lançam blogs de seus profissionais mais conhecidos que, ao acompanhar um determinado acontecimento para o veículo, narram simultaneamente para seu blog. MÁGDA CUNHA http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n3_outubro_de_2006/os_blogs_e_a_pratica_do_jornal.html

Com o desenvolvimento da linguagem jornalística nos blogs, foram sendo encontradas novas características de se passar uma informação. Uma das principais é

¹³ HTML – Hypertext Markup Language – método de codificação usado para criar arquivos padronizados, de forma que sejam traduzidos igualmente por qualquer tipo de computador. É o formato básico utilizado para programação de páginas na internet.

a maior liberdade para falar de determinado assunto e a possibilidade de usar um espaço maior ao utilizado nos jornais impressos ou mesmo nos digitais.

Por ser parte integrante da cibercultura, o *blog*, enquanto ferramenta jornalística, com uma proposta de revolução pacífica busca transformar a padronização da informação pelos veículos de comunicação de massa tradicionais e se afirmar como uma alternativa de expansão das informações diante destes impérios midiáticos. As reportagens postadas em *blogs* são gêneros jornalísticos que aproximam as formas discursivas do jornalismo das subjetividades sociais, que servem como recursos narrativos a fim de ultrapassar os limites de compreensão das formas sociais impostos pela linguagem referencial do jornalismo informativo. <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17221/1/R0083-1.pdf>

5.4.1 A interatividade no jornalismo

Um dos conceitos mais presentes quando se fala em Internet e, principalmente, em blogs, é o de interatividade. É ela que vai dar o tom do diálogo entre o emissor e o receptor da informação. É também a interatividade que reflete a notícia e sua repercussão no meio social, sejam elas boas ou ruins, dando ao jornalista uma dimensão daquilo que ele divulga, libertando-o dos limites da redação.

O blog tem como uma das diretrizes a interatividade entre o crítico e o público. A interação entre humano e computador é assunto do tópico “A emergência da interatividade enquanto processo de comunicação”, escrito por AMARAL (2005, online), no qual a autora discorre sobre a importância deste artifício virtual.

Actualmente, numa breve navegação pela rede, verifica-se que ainda existe pouca interactividade nos meios de comunicação online. Muitas vezes é mesmo possível classificar a interacção como reactiva – o utilizador apenas tem a possibilidade de navegação não linear e de contacto, via email. [...] A interactividade no jornalismo online não automatiza o processo de comunicação, anulando a figura do jornalista. O

que se verifica é, como já referimos antes, a possibilidade do utilizador definir o seu percurso pela informação, podendo definir o seu ritmo e a sua seqüência. (2005, p. 139). <http://www.bocc.ubi.pt/pag/amaral-ines-interactividade-esfera-ciberjornalismo.pdf>

A proposta do blog é propiciar uma interação entre o público que vá além da citada “não linear e de contacto”, ou seja, que o leitor possa navegar na seqüência que achar melhor e, além disso, interagir com conteúdo. O próprio blog propicia este diálogo através da ferramenta “comentários”, onde determinado material postado no veículo pode ser debatido de forma ampla e democrática.

A transmutação do analógico para o digital implica também que os tradicionais modelos de edição e publicação de informação sofram alterações no suporte electrónico. Os novos media obrigam a uma reconfiguração das práticas jornalísticas na medida em que a interactividade, como característica principal do cenário digital, permite a personalização da informação. (AMARAL, 2005, p. 135)

Nesse sentido, a proposta é mesmo personalizar a informação. Os leitores que se dispuserem à comentar alguma reportagem, também o farão divulgando sua opinião pessoal (à respeito da obra ou da própria abordagem), aproximando ainda mais as partes envolvidas neste processo de interação.

6. MÉTODOS E TÉCNICAS

Para a realização deste trabalho levou-se em conta a escassez de veículos de comunicação voltados à divulgação de reportagens, entrevistas e produções focadas nas artes cênicas de Curitiba. Essa observação surgiu porque o autor deste trabalho é estudante universitário de artes cênicas e ator profissional, sendo assim, notou que a classe artística da capital paranaense, ao contrário de outras grandes capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo Horizonte, por exemplo, conta com pouco amparo da mídia para a discussão de suas obras. A constatação à qual se chegou foi de que tanto os jornais impressos, quanto os jornais on-line e televisivos se

restringem à divulgação de horários, datas e sinopses das peças. Quando muito, fazem resenhas de determinados espetáculos.

A constatação dessa carência de abordagens deu-se também através de conversas e entrevistas com profissionais da área artística. A ex-diretora do Festival de Curitiba, Nany Semicek, concedeu entrevista, bem como diversos professores da Faculdade de Artes do Paraná contribuíram para a pesquisa, indicando espetáculos que poderiam servir de referência para a primeira produção do blog. A professora Sueli Araújo, que também dirige a Cia. Senhas de Teatro em Curitiba, contribuiu diretamente aceitando o convite para participar da primeira produção da página, disponibilizando também o elenco para entrevistas e autorizando a filmagem do espetáculo “Delicadas Embalagens”.

Depois de detectado o problema, a parte teórica do trabalho foi estruturada, como definição dos objetivos e fundamentação da pesquisa. Para tanto, foram necessárias pesquisas a respeito da história do teatro mundial, no Brasil e, finalmente, no Paraná, a fim de contextualizar a cena artística de Curitiba em 2008.

A pesquisa dos veículos que tratam das artes cênicas foi importante no sentido de direcionar o formato do conteúdo que deveria ser exposto. Inúmeras abordagens jornalísticas se detêm na divulgação de sinopses, fotos e agenda cultural. Portanto, notou-se a falta de produções específicas e aprofundadas com foco no teatro local.

Para verificar quais veículos abordam esse tema, especificamente, uma análise dos blogs de Curitiba foi realizada entre fevereiro e abril deste ano, para constatar a divulgação dada ao Festival de Curitiba, que é realizado em março, e o espaço destinado para o teatro depois do evento. A época em que o Festival é realizado foi escolhida porque jornalistas de todo o país enviam correspondentes para Curitiba com

o propósito de retratar a cena teatral do evento, que reflete o teatro nacional na medida em que montagens de vários estados brasileiros se apresentam na cidade.

A conclusão a que se chega é que em Curitiba, excetuando os blogs pessoais de artistas e admiradores de arte em geral, há um número reduzido de páginas virtuais que abordam o tema em questão. Apenas um site se dispõe a fazer esse trabalho (noquintal.com), embora não utilize qualquer recurso de vídeo ou sonoro. São críticas realizadas por uma estudante de teatro, Ana Ferreira, em uma página mantida por um estudante de jornalismo. Esse exemplo é o que mais se aproxima da proposta aqui apresentada.

Após a análise dos resultados obtidos com as entrevistas e o levantamento das páginas virtuais, viu-se que o projeto seria bem vindo por toda a classe artística de Curitiba, bem como pelos apreciadores de teatro. Partiu-se então para a definição dos recursos que seriam utilizados. Para a elaboração do blog, foi necessária a abertura de um domínio no servidor gratuito de blogs, o Blogspot.com, bem como a utilização de câmera de vídeo, microfone, iluminação e a marcação de entrevistas e filmagens dos espetáculos. Para uma amostra do formato do blog, integrantes da Cia. Senhas de Teatro foram entrevistados.

Já na delimitação do tema, partiu-se para um estudo teórico e histórico, visando compreender e entender melhor o significado da palavra teatro e suas origens, uma vez que se pretende trabalhar aqui com questões e discussões estéticas relacionadas ao teatro. Para que tal compreensão fosse possível, utilizou-se a enciclopédia do Sistema Brasileiro de Consultas (SIBRAC) e *A História Mundial do Teatro*, da autora Marghot Berthold. Ambos puderam dar um referencial importante na abertura do projeto dando uma melhor consistência da teoria teatral como um todo.

Para não se trabalhar de forma condensada, deixando de lado os aspectos históricos nacionais e regionais, utilizou-se como referência bibliográfica os livros de Sábato Magaldi, *Panorama do Teatro Brasileiro*, e de Benedito Nicolau dos Santos Filho, *Aspectos da História do Teatro na Cultura Paranaense*, visando apontar de que forma o teatro desenvolveu-se no país e no Estado.

Através dessas leituras, aliadas aos conceitos de comunicação, conseguiu-se partir para uma análise mais técnica, no sentido da representação da cultura através do jornalismo. Como base teórica o livro *Jornalismo Cultural*, de Daniel Piza, é que dá a estrutura dentro do jornalismo para levar este projeto adiante, pois ele trata de forma direta a realidade do jornalismo cultural como um todo.

Algumas outras leituras fizeram-se obrigatórias para melhor estruturar esse trabalho de forma que ganhasse embasamento científico. Entre elas as *Teorias da Comunicação – Conceitos, Escolas e Tendências*, de Antônio Holfeldt et al; *Teorias do Jornalismo*, de Nelson Traquina; entre outras.

Não seria possível desenvolver uma argumentação segura sem esses teóricos, que auxiliaram esse projeto a ter uma consistência científica. É só com especialistas, como os citados, e com estudos que se pode garantir um trabalho embasado.

7. DELINEAMENTO DO PRODUTO

A definição do nome *Cena Curitiba* para o blog se deu de maneira a deixar em evidência o objetivo geral ao qual esse projeto se propõe: retratar a cena teatral curitibana. E o que se pretende também é apontar uma solução para a pouca cobertura das produções teatrais na capital paranaense pelos veículos de comunicação.

As informações contidas vão além do mero caráter de serviço e apresentam um recorte dos espetáculos teatrais curitibanos. O internauta terá acesso a vídeos com entrevistas, curiosidades e bastidores da produção divulgada no blog. A idéia é proporcionar elementos mais substanciais das produções teatrais da cidade para a

valorização do teatro de Curitiba e, conseqüentemente, um olhar mais crítico daquilo que se vê.

7.1 PÚBLICO-ALVO

Para o blog *Cena Curitiba* o que interessa é atingir uma faixa etária entre 18 e 30 anos, composta por universitários formadores de opinião, para que se possa fazer o resgate da valorização da produção local. Não se quer com isso restringir especificamente a esse público e sim direcionar para eles, uma vez que, a classe artística e estudantes de teatro já são automaticamente um público-alvo evidente.

7.2 PERIODICIDADE

A atualização do veículo aqui proposto será semanal. A idéia é que toda quarta-feira seja colocado no ar um novo material para que o público possa saber antecipadamente sobre a produção em cartaz do fim de semana.

7.3 FORMATO

O veículo é uma página virtual hospedada gratuitamente no domínio Blogspot.com, com o seguinte endereço: www.cenacuritiba.blogspot.com. As características visuais são compostas por duas colunas: uma central, onde serão divulgados os vídeos e curiosidades e uma barra estreita, à direita, onde ficam as descrições, a barra de vídeo e onde poderá ser inclusa alguma enquete que se fizer necessária.

Ao término de cada postagem, é disponibilizado um link que direciona o público a fazer comentários sobre o espetáculo em questão, bem como críticas, sugestões e

qualquer tipo de opinião que o internauta quiser expressar, desde que sejam respeitadas e não utilizem termos vexatórios.

O acesso ao blog se dá através de qualquer navegador de internet que disponibilize o acesso ao Youtube.com, site onde os vídeos estão hospedados e incorporados ao blog. Para a criação do blog foi necessária a criação de uma conta no Google Accounts, que também servirá para a atualização da página. Para tanto, será necessário apenas logar-se ao servidor utilizando o e-mail e a senha cadastrados no Google.

7.4 CONCORRÊNCIA

Em Curitiba não há nenhum site ou blog direcionados à cobertura exclusiva das produções cênicas locais. O que há são as páginas on-line dos cadernos culturais de jornais impressos, como o Caderno G, da Gazeta do Povo, o Almanaque, do Jornal Estado do Paraná e páginas culturais de homepages noticiosas. Contudo, nenhuma delas disponibilizam vídeos dos bastidores, com trechos da peça, tampouco colhem a opinião do público após o espetáculo.

A página virtual que mais se aproxima do projeto apresentado é a homepage noquintal.com, que dá dicas culturais, realiza entrevistas e faz críticas às peças em cartaz na capital, contudo, sem utilizar qualquer recurso de vídeo na estrutura do veículo.

7.5 PLANEJAMENTO EDITORIAL

O blog Cena Curitiba tem como compromisso produzir um jornalismo analítico e interpretativo das relações culturais no que diz respeito ao segmento das artes cênicas

de produção curitibana. Para isto, buscará proporcionar uma postura jornalística ética que não privilegie determinadas produções de grupos e espaços cênicos da cidade, pautando-se pela ponderação, de forma que o internauta perceba, de uma maneira clara e objetiva, o potencial artístico inserido na capital paranaense. Assim, estará desempenhando um papel social que promova o resgate histórico do teatro de Curitiba através da notícia:

O principal objetivo da notícia, da informação é o de fornecer, continuamente, ao homem, à população, em geral, elementos e dados suficientes à formação de opinião e à conscientização da forma que se desenvolve o processo social no qual se está inserido. Dessa forma, o homem não se aliena do processo e tem, à mão, um painel que lhe demonstra todos os fatores que interferem no seu próprio processo, como ser social (OLIVA, 1979, pg X).

O jornalismo atual está cada vez mais especializado e, dentro de cada especialidade, há outras ramificações. Assim vai funcionar o *Cena Curitiba*. Dentro da editoria de cultura, o blog é direcionado a uma de suas várias áreas: as Artes Cênicas.

7.6 LINGUAGEM E ESTILO DE REPORTAGENS

A linguagem audiovisual será o ponto principal da abordagem cultural que se pretende fazer. O objetivo é fornecer subsídios ao público para que este possa ter elementos suficientes para formar uma opinião em torno do espetáculo em questão, tendo-o visto ou não. Para tanto, os vídeos serão editados com base nas entrevistas de integrantes do grupo em pauta na semana. Sem a utilização de off's, trechos que o repórter insere para cobrir imagens, as reportagens se direcionarão para uma linguagem documental do evento artístico, deixando que as imagens, sons e entrevistados falem por si.

Para contextualizar o visitante do blog do vídeo em questão serão trabalhadas manchetes que apresentem as reportagens. Para não ficarem cansativos, os vídeos poderão ser divididos de acordo com assuntos de interesse, como bastidores e opinião da platéia, entrevistas com o elenco sobre o processo de criação da peça e o posicionamento político do grupo frente à realidade da cena teatral curitibana.

O recurso de GC (gerador de caracteres) será utilizado para dar informações técnicas, como horário de início da maquiagem, do aquecimento, da entrada do público e o do término do espetáculo. Esses dados técnicos podem fornecer elementos para o internauta identificar possíveis abusos da Cia., como em relação ao horário de início do espetáculo.

7.7 VIABILIDADE ECONÔMICA

Para a implantação da redação do blog, serão necessários os seguintes recursos humanos e materiais:

7.7.1 Recursos Humanos

2 Jornalistas (um repórter e um repórter cinematográfico);

7.7.2 Recursos Materiais

2 computadores, sendo um Macintosh para edição.....	R\$ 4.500,00
1 Câmera Panasonic 3CCD.....	R\$ 3.000,00
1 Microfone de mão com espuma.....	R\$ 200,00
1 Tripé	R\$ 540,00
1 Pau de fogo (jogo completo com suporte e extensão)	R\$ 320,00

1 Modem ADSL.....	R\$ Sem custo NET
Provedor de Internet.....	R\$ 14,90
1 Linha Telefônica.....	R\$ 98,00
1 Aparelho telefônico.....	R\$ 79,80
1 Aparelho de fax.....	R\$ 49,90
2 mesas para Escritório.....	R\$ 494,20
Sala Comercial.....	R\$ 400,00
2 Cadeiras com rodinhas.....	R\$ 364,00
1 Armário para colocação de materiais de escritório.....	R\$ 204,00
Assinatura dos quatro jornais com maior tiragem no Paraná, sendo que todos podem ser solicitados por cortesia.	
Para a manutenção do blog, serão necessários os seguintes recursos para custeio de:	
2 Jornalistas (um repórter e um repórter cinematográfico).....	R\$ 2.910,28
TOTAL.....	R\$ 13.175,08

O projeto pode ter sua viabilidade econômica estruturada caso seja contemplado pela área de artes cênicas do edital¹⁴ da Funarte que oferece bolsas de estímulo à produção crítica em artes:

Independente deste recurso, a verba para o desenvolvimento do projeto poderia ser obtida através de empresas comprometidas com a cultura e demais espaços cênicos, que entrariam como anunciantes no blog. Esses parceiros culturais teriam uma centimetragem em forma de banner destinada aos seus anúncios pela parte comercial do produto em questão.

¹⁴ Ver anexo

Várias poderiam ser as maneiras que fariam deste projeto viável economicamente, mas o que realmente cabe aqui é o edital da Funarte para que inicialmente possa se dar andamento ao projeto sem ficar dependente de outros recursos que comprometam a credibilidade do blog.

8. CONCLUSÃO

Os conceitos e idéias expostas neste trabalho corroboram para o objetivo de colaborar na aproximação da sociedade com a arte e o meio artístico. Ou seja, não apenas incentivar o público a ir ao teatro, mas também promover entre este e a comunidade artística um debate estético que pode beneficiar ambas as partes. Isto é dito porque uma discussão artística pode propiciar um link do objeto de arte com a realidade, reposicionando a produção artística para um patamar reflexivo, além de sua função contemplativa. Todas essas direções adotadas para este projeto tentaram ser supridas através da comunicação social, da criação de um veículo que fale diretamente com o público, interagindo e dialogando com a sociedade.

Curitiba quer se destacar como pólo cultural, mas só conseguirá quando projetar para o Brasil produções que fazem parte do circuito cultural curitibano. Enquanto não se preservar o que se tem de melhor na produção local, a capital paranaense se manterá na mesma estagnação cultural à qual ela está aprisionada. Com este projeto, pretende-se contribuir para a consolidação da cultura curitibana. Se é preciso começar de algum lugar, que seja pelas artes cênicas então. Esse é o propósito do blog Cena Curitiba.

9. REFERÊNCIAS

AMARAL, Inês Albuquerque. *A interactividade na esfera do ciberjornalismo*. Portugal 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/amaral-ines-interactividade-esfera-ciberjornalismo.pdf> acessado em 22/05/2008.

BARTHES, Roland, 1964 *apud* JUSTINO, Maria José. *Os Lugares da Crítica de Arte*. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado, 2005.

BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CABRAL, Ivan. *Cartazes do teatro paranaense*. Colaboração de Rodolfo Garcia Vasquez e Silvanah Santos. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2001.

CARNIERI, Helena. *Blog do Festival*. Gazeta do Povo Online – Março de 2008. Paraná. Disponível em <http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/blog/blogdofestival/> acessado em 30 de março de 2008.

CUNHA, Mágda. *Os blogs e a prática do Jornalismo no Brasil: Uma reflexão sobre os meios, as linguagens e a cultura*. Prisma.com – Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC - Capa Edição Nº 5 - Dezembro de 2007. Rio Grande do Sul. Disponível em: http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n3_outubro_de_2006/os_blogs_e_a_pratica_do_jornal.html acessado em 22/05/2008.

DREVES, Aleta Tereza. *Blog e jornalismo on-line: Potencialidades profissionais na contemporaneidade tecnológica*. Pato Branco (2004). Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/paq/dreves-aleta-blog-jornalismo-online.pdf> acessado em 19/05/2008.

ECO, Humberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

JUNGES, Suélen Hernandes Moraes. *Weblogs e intersecções dos gêneros jornalísticos: um estudo de caso dos blogs enquanto ferramenta jornalística*. Rio Grande do Sul 2005. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17221/1/R0083-1.pdf> acessado em 22/05/2008.

JUSTINO, Maria José. *Os Lugares da Crítica de Arte*. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado, 2005.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do teatro brasileiro*. São Paulo: Global, 1996.

MARTINS, Maria Helena (organizadora). *Rumos da Crítica*. São Paulo: SENAC, 2000.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3.ed. rev e ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

OLIVEIRA, Valéria Maria de. *O teatro grego e o atual teatro: uma reflexão crítica*. Revista Espaço Acadêmico – Nº 27– Agosto de 2003 – Mensal – ISSN 1519.6186. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/027/27coliveira.htm>, acessado em 16/08/2006.

PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

QUINTAL, No. No Quintal.com – Maio de 2008. Disponível em www.noquintal.com acessado em 30 de maio de 2008.

SANTOS FILHO, Benedito Nicolau dos. *Aspectos da história do teatro na cultura paranaense*. Curitiba: Imprensa Universitária, 1979.

SEMICEK, Nany. Entrevista concedida no dia 31/08/2007 – por e-mail.

SIBRAC, Sistema Brasileiro de Consultas. Moderna Enciclopédia Ilustrada. São Paulo: PRONAC, 1991.

TEIXEIRA, Selma Suely. *Amadores em Cena, v.1: Teatro do Estudante do Paraná*. Rio de Janeiro: Bacantes, 2001.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2005.

VIEIRA, Paulo. *Cultura Vozes: teatro fábrica de utopias*. São Paulo: Vozes, 1996.

10. ANEXOS

A seguir, o edital da Fundação Nacional de Artes (Funarte) com as especificidades sobre o Programa de Bolsas de Estímulo à Produção Crítica em Artes.